

AIRAMAIA CHAPINA ALVES

***NOVA: uma análise pragmático-discursiva***

Dissertação de mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de Mestre em Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob orientação da Professora Doutora Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos.

São Paulo  
2002

Ao meu grande  
amor Angelo.

*“De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para se continuar olhar ou a refletir(...) O “ensaio”- que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação --- é o corpo vivo da filosofia se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma ascese, um exercício de si, no pensamento.”*

*Michel Foucault.*

## Resumo

O presente trabalho une duas vertentes lingüísticas: a Pragmática e a Análise do discurso, que se respaldam no estudo da interação-comunicativa, sua efetividade e interpretação. Dessa forma, temos por objetivo apresentar uma reflexão sobre Teoria Pragmática e Análise do Discurso, contribuindo para a formação de profissionais da área de comunicação que sejam capazes de observar as formações ideológicas refletidas na mídia impressa.

Para desenvolvermos este trabalho, analisamos um corpus constituído por exemplares da revista mensal “Cosmopolitan Nova” da Editora Abril, os quais consideramos serem formados por duas ideologias: uma explícita e feminista, e outra, implícita e machista. Entendemos por ideologia feminista, a que se opõe à machista, igualando a mulher ao homem e por ideologia machista aquela que prende a mulher à família e não permite a existência da mulher como indivíduo.

Assim, nossa análise baseou-se, fundamentalmente, na verificação: dos dêiticos, das formações imaginárias, do valor ilocutório, dos pressupostos, dos subentendidos, das formações discursivas, para que pudéssemos relacionar discurso e ideologia, já que é no discurso que a ideologia se materializa.

Portanto, pudemos provar como há, muitas vezes, preconceitos, no cerne ideológico, os quais não aparecem na superfície dos enunciados, sendo necessário uma análise mais crítica para podermos descobrir a verdadeira formação ideológica que predomina nos enunciados.

## Abstract

The work present brings together two linguistic leanings: the pragmatic aspect and a discourse analysis that supports the study of communicative interaction, its effectiveness, and interpretation. In this way, we wish, as our objective, to present a reflection about Pragmatic Theory and Discourse Analysis, contributing to the formation of professionals in the area of Communication enabling them to observe the ideological formations reflected in the press.

In order to develop this task, we have analyzed a corpus made up of examples from the monthly magazine *Cosmopolitan Nova* from Editora Abril, which we consider to be predominantly formed by two main ideologies: one that is explicit and feminist and the other being implicit and "machismo". We take as understood - feminist ideology as one which opposes male ideology, equating women to men; and male ideology as one that binds women to the family and does not permit the existence of a woman as an individual.

Therefore, our analysis is fundamentally based upon an examination of demonstratives, imaginary formations, elocutionary values, presuppositions, implications, and discursive formations which enable us to correlate discourse and ideology, since that it is through discourse that ideology becomes evident.

So, we can prove how, very often, there are prejudices in ideological essence, which do not overtly appear in the statements, requiring a more critical analysis in order for us to be able to discover the true ideological formation that predominates in statements.

## **SUMÁRIO**

<b>Introdução</b>	<b>2</b>
<b>Capítulo 1 - Pragmática Lingüística</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Conceituando Pragmática</b>	<b>10</b>
<b>1.2 Teoria dos Atos de Fala</b>	<b>16</b>
<b>1.2.1 Atos Ilocutórios</b>	<b>18</b>
<b>1.3 Teoria da Enunciação</b>	<b>22</b>
<b>1.3.1 Dêixis</b>	<b>23</b>
<b>1.4 Pressupostos e Subentendidos</b>	<b>28</b>
<b>1.4.1 Pressupostos Pragmáticos</b>	<b>31</b>
<b>1.5 Teoria da Atividade Verbal</b>	<b>32</b>
<b>Capítulo 2 - Análise do Discurso</b>	<b>35</b>
<b>2.1 Algumas considerações sobre Análise do Discurso</b>	<b>35</b>
<b>2.2 Postura e procedimentos do analista do discurso</b>	<b>37</b>
<b>2.2.1 Condições de Produção</b>	<b>38</b>
<b>2.2.1.1. Antecipação: as formações imaginárias</b>	<b>38</b>
<b>2.2.1.2 Memória</b>	<b>41</b>
<b>2.2.1.3 Esquecimentos</b>	<b>42</b>
<b>2.3 Formações discursivas (FD)</b>	<b>43</b>
<b>2.4 Sujeito</b>	<b>46</b>
<b>2.5 Ideologia</b>	<b>49</b>
<b>Capítulo 3 - Análise do Corpus</b>	<b>55</b>
<b>Conclusão</b>	<b>88</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>90</b>
<b>Anexos</b>	<b>94</b>

# 1. INTRODUÇÃO

Os estudos lingüísticos aparecem, nos dias atuais, divididos em duas direções: uma voltada para o estudo da língua como sistema, outra voltada para o discurso, ou seja, como afirma Brandão (s/d: 89): “o efeito de sentido construído no processo de interlocução”, opondo-se assim à concepção de língua como uma simples transmissão de informação, que passa a ser observada não mais de maneira estática, mas, sim, contextualizada.

Dessa forma, os estudos que se preocupam com o “discurso” seguem as correntes pragmáticas, relacionadas ao uso da linguagem, já que o próprio nome diz: *pragma*, ou seja, ação.

Cumpre explicitarmos o que consideramos por linguagem, já que a sua conceituação, diacronicamente, tem definições distintas. KOCH (1998:09) sintetiza de forma muito clara essas variantes conceituais:

1. a linguagem é vista como uma forma de representar o mundo e o pensamento humano;
2. a linguagem é tratada como um instrumento de comunicação;
3. a linguagem é vista como uma forma de ação.

Trataremos, assim, a linguagem sob uma perspectiva pós-estruturalista, considerando-a, como diz Orlandi (1999:15):

...mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana,

uma vez que o significado do signo lingüístico, de acordo com Bakhtin, está presente no homem e não fora dele. É o homem que atribui sentido ao signo, portanto, o enunciado caracteriza-se como produto e a enunciação, como processo.

Uma outra abordagem que levaremos em consideração é a linguagem como instituição, pois para que um enunciado obtenha sucesso, é necessário que algumas condições estejam reunidas, pois é a instituição que garante a validade e o sentido dos exercícios do discurso, por exemplo:

- a) a instituição familiar: Um filho pode aceitar uma ordem da mãe , já que a instituição familiar dá o direito a uma mãe de dar ordens ao filhos;
- b) a instituição jurídica: Apenas um juiz possui o poder e a legitimidade de condenar um culpado. Ele dirá se alguém é culpado ou não e se irá ou não para a cadeia.

Essas instituições são também conhecidas como papéis, ou seja, princípios conhecidos pelos interlocutores, permitindo os agires e definindo as “regras do jogo”.

Portanto, a linguagem será tratada dentro da perspectiva pragmática, tanto que Culioli explica (apud Maingueneau, 1996: 21)

Todo enunciado supõe um ato dessimétrico de enunciação, produção e reconhecimento interpretativo. Reduzir a enunciação apenas à produção é, afinal de contas, não compreender que a enunciação não tem sentido sem uma dupla intenção de significação entre os respectivos enunciadore. Os últimos são ao mesmo tempo emissor e receptor, não apenas em sucessão, mas no próprio momento da enunciação.

Mais um vez podemos perceber o porquê de juntarmos a Pragmática e a Análise do Discurso (AD), visto que a Pragmática exige que desloquemos a nossa atenção para o discurso e, conseqüentemente, para a grande e discutida problemática enunciativa, que permeia e invade variados campos de estudo

preocupados também com a linguagem em contextos. Por isso, consideramos este um estudo pertinente, já que serve de suporte a outras áreas.

Observemos o estudo da retórica, cuja centralização dá-se no estudo da força persuasiva. Muito mais que analisar discursos e seus contextos, a pragmática tenta fazer um tratado da ação humana, descrevendo como o homem age através da língua. Esse mundo exige de todos nós uma atitude muito mais consciente e elaborada para podermos utilizar e usufruir com presteza desta arma, a língua, não só falada, mas também manipulada. Tal manipulação fará a diferença entre o sucesso e o fracasso comunicativos.

Baseados nesta perspectiva de ação e de interação, é que percorremos um caminho que teve início no estudo da pragmática, passando para o interacionismo e chegando, finalmente, à Análise do Discurso. Podemos citar como teóricos de apoio: Berrendonner, Levinson, Maingueneau, Orlandi, Fiorin, todos presentes em nossas pesquisas, já que são alguns dos responsáveis pelo enfoque teórico constante neste trabalho.

As correntes pragmáticas abrangem as problemáticas da enunciação, a argumentação lingüística, a teoria dos atos de linguagem e as elipses de conteúdo. As interacionistas abordam a interação verbal, o verbal e o não verbal e começam a instaurar os trabalhos numa dimensão psicossociológica. Considerando esses princípios, faz-se mister abordar o surgimento da Análise do Discurso, ocorrida nos anos 60. Como afirma Maingueneau (1996), a AD separou-se em Análise do Discurso e Análise Conversacional.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre Teoria Pragmática e Análise do Discurso, contribuindo para a formação de profissionais da área de comunicação capazes de observar as formações ideológicas refletidas nos enunciados em geral.

Para tal, baseamo-nos em duas dessas vertentes lingüísticas: a Pragmática e a Análise do Discurso, já que as consideramos básicas para o estudo da interação-

comunicativa e, concomitantemente, para sua efetividade e interpretação. No capítulo prático, unimos essas duas vertentes, já que nos utilizaremos de certos procedimentos da AD e de alguns aspectos da Teoria Pragmática para relacionarmos os enunciados selecionados e os seus contextos, tarefa fundamental dessa teoria.

Esse procedimento é considerado viável porque a AD é uma forma analítica que se insere na Teoria da Enunciação, que constituirá parte do Capítulo da Teoria Pragmática.

Neste sentido, é necessário deixar claro que não abordaremos todos os aspectos estudados pela Teoria Pragmática, mas apenas os que nos servirão de respaldo para a análise e poderão acrescentar conhecimento extra aos que se interessam ou venham a se interessar por essa linha de pesquisa. Em relação à abordagem da AD, delimitar-nos-emos à exposição de alguns dos procedimentos metodológicos de análise que poderemos vir a utilizar e a algumas reflexões sobre a intersecção entre a linguagem e o mundo, conhecimentos que nos permitirão desenvolver uma metodologia adequada ao trabalho em questão.

Para desenvolvermos este trabalho, analisaremos um corpus constituído por exemplares da revista mensal “Cosmopolitan Nova” da Editora Abril, que, de acordo com os dados fornecidos pela editora, tem uma tiragem mensal de cerca de 450 mil exemplares. O perfil do público-alvo traçado pela redação é o de uma leitora com menos de 30 anos que se interessa, principalmente, por artigos e reportagens que falam sobre sexo, assunto de interesse principal das mulheres solteiras ou das que querem explorar seus potenciais como mulher inserida no mercado de trabalho. Sendo assim, a revista tem dois objetivos: mostrar as perspectivas do mercado de trabalho e informar a sua leitora sobre as diversas maneiras de realizar-se sexualmente, sem preconceitos<sup>1</sup>

Percebemos, por meio desses dados, que a revista baseia-se em uma ideologia feminista, não só informando, como também rompendo tabus. Por esse

motivo ela foi escolhida, pois pressupomos que seus enunciados contenham também uma ideologia machista, surgindo, assim, a hipótese de uma ideologia machista nos enunciados da revista.

Entendemos por ideologia feminista, a que se opõe à machista, igualando a mulher ao homem; por ideologia machista aquela que prende a mulher à família, que não deixa espaço para a mulher-indivíduo, mas somente para a mulher-mãe, esposa dedicada e submissa, sempre um ser inferior. Essa não é uma ideologia nova, recente, como observou Cunha (in Romero1995:199) revelando-nos que desde o *Timeu* (Platão) e da *Política* (Aristóteles) a mulher já era considerada inferior. A Igreja, por sua vez, em meados de 583 d.C., questionou a existência da alma nas mulheres. É por esses exemplos e outros que remontam à Antigüidade e perpassam toda a História que percebemos a cristalização do despotismo social e doméstico do “homem-macho.”

Dessa forma, nossa hipótese emergiu de pressupostos de que nem sempre os enunciados dizem o que têm intenção de dizer, deixando no “não-dito”, algumas vezes, o confronto entre duas formações discursivas. Sendo assim, acreditamos que haja uma formação discursiva machista projetada na capa da Revista Nova, pois ao analisarmos o dito, podemos perceber um “não-dito” que, muitas vezes, nega o dito. A partir das marcas lingüísticas, pressupostos e subentendidos, presentes nos enunciados das capas da “Nova” queremos verificar até que ponto esses mesmos enunciados selecionados refletem uma ideologia<sup>2</sup> machista velada.

Para viabilizarmos nossas análises, limitando-nos aos enunciados do primeiro trimestre de 2000, período no qual foi feita a seleção do *corpus*. Outro fator que contribuiu para que escolhêssemos apenas alguns enunciados foi o fato de ao compararmos os exemplares, entre si, do ano selecionado, verificarmos o quão são semelhantes, visto que seguem uma mesma linha ideológica.

---

<sup>1</sup> Dados obtidos pelo perfil traço pela redação da revista. Em anexo.

<sup>2</sup> Apoiamo-nos em Chauí (1990), considerando por ideologia o conjunto de idéias de uma determinada sociedade. Retomaremos este conceito no subcapítulo 3.5.

Nosso escopo teórico contribui para o desenvolvimento de uma postura mais crítica perante os enunciados, oferecendo recursos para desenvolvermos critérios mais consistentes para analisarmos aqueles produzidos pela mídia impressa. Julgamos relevante fazer uma análise mais minuciosa, utilizando-nos das ferramentas e reflexões que apresentaremos nos capítulos subseqüentes.

Nossa análise basear-se-á em quatro pontos fundamentais: os dêiticos que nos ajudarão a contextualizar o nosso enunciado, contribuindo para que tracemos as formações imaginárias e, conseqüentemente, percebamos as imagens formadas pelas instituições cristalizadas socialmente, desvendando, assim, qual o valor ilocutório do enunciado que nos interessa, pois sabemos que a língua não é só um sistema de signos, mas também uma ferramenta de comunicação e de interação,. Sendo assim, toda comunicação advém de uma intenção refletida pelo ato ilocutório.

Em tese, o ato ilocutório está marcado no significante, mas em alguns casos ele pode estar subentendido, por essa razão escolhemos como terceiro ponto de sustentação, para as nossas análises, a verificação dos pressupostos e subentendidos, para que assim cheguemos às formações discursivas que relacionam o discurso à ideologia, já que é no discurso que a ideologia se materializa, sendo a formação social do indivíduo o guia de seu discurso. Dessa forma, por meio da análise das formações discursivas, pretendemos chegar à formação ideológica nos enunciados em questão.

Gostaríamos de esclarecer que não consideramos “discurso” como texto ou enunciado. Conforme dissemos anteriormente levamos em conta o discurso abstrato, que se configura como um processo constituído por diversos fatores, explicitados no terceiro capítulo, mas que, a princípio, pode ser considerado apenas como a essência do enunciado.

É essa essência que verificaremos, mostrando que há, também, nesses enunciados de “Nova”, uma ideologia machista, cheia de preconceitos que hoje tentamos abolir, originados há diversos séculos e que são constituintes dos nossos discursos, podendo não estar marcados no enunciado, mas que estão presentes no

não-dito, aparecendo como subentendidos. Nosso objetivo é demonstrar como tais preconceitos estão no cerne ideológico e, por estarem tão enraizados, muitas vezes, não temos conhecimento dessas ideologias, pois elas não aparecem na superfície, mas estão camufladas ou escondidas no não-dito, nos subentendidos. Portanto, o que queremos descobrir é se realmente alguns enunciados da revista “Nova” refletem uma formação discursiva machista, trabalho que acreditamos poder ser feito por meio da AD, analisando tanto os pressupostos, quanto os subentendidos, já que eles revelam idéias que, algumas vezes, estão veladas e outras escapam e emergem à superfície, dos discursos.

O que temos que levar em conta é que somos seres com diferenças físicas nítidas, mas com capacidades iguais, e que, muitas vezes, nossa incapacidade tem origem não no físico ou no intelecto, mas nas crenças deturpadas que trazemos em nossas bagagens ideológicas, difíceis de serem mudadas por fatores: sociais, psicológicos, culturais que alimentam, a todo momento, tais idéias. Portanto, percebemos que o estudo da Pragmática Lingüística e da Análise do Discurso muito revelam, pois ambas são muito mais do que simples teorias ou procedimentos de análise, são, isso sim, instrumentos que podem descortinar uma ideologia. Assim, perguntamos: que discursos estão sendo produzidos? As “entrelinhas” dizem algo? E respondemos, citando Bakhtin (apud Mainguenu 1996:46):

Nenhum membro da sociedade verbal jamais encontra palavras da língua que sejam neutras, isentas de aspirações e avaliações de outro, desabitadas pela voz de outrem... Ele intervém em seu próprio contexto a partir de um outro contexto, penetrado das intenções de outrem.

Para cada perspectiva a ser estudada, elaboramos um capítulo, sendo o último capítulo prático, pois é nele que analisaremos o nosso *corpus*, provando ou não nossa hipótese, para assim podermos concluir nosso trabalho que depende do desenvolvimento não só teórico, como também prático. Assim, a dissertação divide-se da seguinte maneira :

A introdução contém o tema, os objetivos, a justificativa, a hipótese, o *corpus* e uma apresentação do modo como abordaremos a linguagem, já que consideramos fundamental essa clarificação desde o começo do trabalho.

O capítulo 1 **Pragmática Lingüística**, apresenta os conceitos “força ilocutória” e “implícito” lançados em nossa hipótese. Escolhemos essa teoria por ser uma das que abrange a problemática da enunciação<sup>3</sup> e mostra, de forma pertinente, reflexões sobre os pressupostos e os subentendidos, os quais serão analisados, uma vez que os consideramos ferramentas essenciais para a análise do discurso. A pragmática deverá ser observada por meio das crenças, justificando a evocação dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso (AD).

O capítulo 2, **Análise do Discurso**, contém uma mostra de procedimentos analíticos que se baseiam , principalmente, em três teorias : A Teoria Lingüística, a Teoria do Discurso e as Ciências Sociais. Mas, é necessário, ficar claro que, embora esse capítulo abranja vários conceitos e procedimentos de análise, é o pesquisador que fará os seus próprios recortes teóricos, selecionando os procedimentos que mais lhe forem convenientes; portanto, ficará a critério do analista o estabelecimento das categorias que se seguirão. Esses critérios utilizados serão estabelecidos no capítulo de análise, de forma que fique pertinente e clara a metodologia adotada pelo analista.

Somente no último Capítulo 3, **Análise do Corpus**, é que será feita a análise do *corpus* e a tentativa de provarmos a nossa hipótese. Essa análise é essencial para a conclusão da nossa dissertação, pois apenas a partir dela é que poderemos validar ou refutar nossa hipótese.

Concluimos, assim, que sem os elementos lingüísticos é impossível para o analista construir sua análise, já que a linguagem é o seu material de estudo.

---

<sup>3</sup> Há outras teorias que tratam a problemática da enunciação, Teoria da Relevância é uma delas.

# 1. PRAGMÁTICA LINGÜÍSTICA

## 1.1. Conceituando Pragmática

Podemos considerar a Pragmática uma ciência de bases antigas, afirmando que sua história se origina na Antigüidade com a Retórica, cuja preocupação com a força persuasiva do discurso vai ao encontro do objeto de estudo da Pragmática, que não se restringe apenas ao estudo da persuasão. Muito mais do que isso, ela traz à tona a problemática da enunciação, interessando-se pelas relações dos signos com os usuários, pela utilização desses signos e, conseqüentemente, pelos seus efeitos. Preocupa-se em estudar a linguagem em contexto e, em alguns casos, até se torna uma teoria geral da ação humana, o que no presente trabalho, não nos interessará.

Há algumas décadas, o que estava em voga era a lingüística estrutural e, posteriormente, a gerativa que, apenas, procurava descrever a língua abstratamente. Como esse não será o nosso âmbito, voltaremos nossa atenção para a linguagem como atividade, preocupando-nos com as relações existentes entre a língua e os usuários, isto é, a práxis lingüística. Voltar-nos-emos à problemática da enunciação, que é um problema que vem sendo percorrido dentro de várias perspectivas e por grandes lingüistas como: Bally, Benveniste, Jakobson, Culioli, entre outros, que tentam resolver os problemas presentes em certos fatos da língua.

Atualmente, a lingüística pragmática, que tem como base a Teoria da Enunciação<sup>4</sup> e a Teoria dos Atos da Fala, vem se sobressaindo, pois já há a preocupação com as suas diversas ramificações, uma vez que hoje somos uma sociedade que se respalda na comunicação humana. A Teoria dos Atos de Fala vem fazer parte deste trabalho apenas a título de conhecimento, pois para o nosso tipo

---

<sup>4</sup> A Análise do Discurso é um procedimento que se encaixa na Teoria da Enunciação.

de análise, a linguagem falada, será apenas mencionada caso seja necessária uma referência aos seus estudos.

A Pragmática, como já mencionamos, significa uma nova ciência que estuda a linguagem e seus usuários. Mey (1993) compara-a a um grande jogo mutante, em que cada peça adquire valor próprio de acordo com os jogadores e com quem eles estão jogando. É nada mais, nada menos do que o estudo do uso da linguagem. Considerando a linguagem uma ação, a intenção individual de cada jogador pode executar vários atos, estabelecendo inter-relações entre os indivíduos de uma sociedade, pois cada ato provoca reações e estabelece vínculos, sejam eles permanentes ou não.

Um bom exemplo pode ser:

Alguém diz:

Dez anos de cadeia!

Se for um juiz, o enunciado tem um sentido, caso seja um ator o valor desse enunciado é completamente outro. Caso seja um juiz, sabemos que alguém infringiu alguma lei e que, por isso, está sendo condenado a dez anos de cadeia. Caso seja um ator de teatro, sabemos que ele está apenas representando um papel, no qual se faz passar por um juiz. Sabemos, também, que, nesses dois casos, os efeitos causados no enunciatário são diferentes: o primeiro tem a função de condenar e o outro a intenção de entreter o público.

O que importa para a pragmática é como estamos usando a língua, porque para ela não existem problemas ao usarmos a linguagem de várias maneiras, sejam elas convencionais ou não. A necessidade está em termos consciência desses vários usos para que saibamos empregá-los adequadamente.

Fica claro, então, que a intencionalidade é muito mais importante para abstrairmos o significado dos enunciados, ainda que os semanticistas acreditem

serem as palavras os veículos sgnicos. É claro que não podemos negar que as palavras carregam certo significado, que não está na palavra em si. Esse significado está, isso sim, no homem, tanto que podemos confirmar o que estamos dizendo, com um simples exemplo: se falarmos cadeira, imaginaremos uma cadeira, meu interlocutor imaginar também uma cadeira, mas provavelmente diferente da primeira. Como locutor, imaginamos a cadeira de nossa casa, o interlocutor imaginou a da loja, aquela que quer comprar e está juntando dinheiro para isso. Se um americano escutar essa palavra sem conhecer o idioma, não imaginar nada e, provavelmente, pensar: "o que será que ela está falando?" .

Definindo, então, sucintamente, o que é a Pragmática, diremos que é o estudo da relação dos signos e seus falantes, tanto que Carnap (apud Levinson 1995:03) argumenta:

If in a investigation explicit reference is made to the speaker, or to put it in more general terms, to the user of the language, then we assign it [ the investigation] to the field pragmatics ... If we abstract from the user of language and analyze only the expressions and their designata, we are in the field of semantics. And finally, if we abstract from the designata also and analyze only the relations between the expressions, we are in (logical) syntax.<sup>5</sup>

Portanto vemos a pragmática como " ...the science of language as it is used by real, live people, for their own purposes and within their limitations and affordances<sup>6</sup>."(Mey 1993:5) e que tem por principal tarefa estabelecer a relação entre os enunciados e seus contextos.

---

<sup>5</sup> Tradução nossa: Se em uma investigação, a referência explícita é feita para o falante, ou colocada em termos mais gerais para o usuário da língua, então nós consideramos que a investigação está no campo da Pragmática... Se nós abstrairmos o usuário da língua e analisarmos apenas as expressões e significados, estaremos no campo da semântica. E finalmente, se nós também abstrairmos o significado analisarmos as relações entre as expressões, nós estaremos na sintaxe lógica.

<sup>6</sup> Tradução nossa: "a ciência da linguagem usada por pessoas reais e vivas, com seus próprios propósitos, dentro de limitações e alcance."

Assim, já podemos perceber que a palavra chave da pragmática é USO, ela só existe onde há inter-ação. Koch (1998:11) argumenta:

...Atualmente em países europeus passaram a voltar sua atenção para a **linguagem enquanto atividade**, para as relações entre a língua e seus usuários e, portanto, para a ação que se realiza na e pela linguagem: vai ganhando terreno a lingüística pragmática. (...) uma lingüística que se ocupa das manifestações lingüísticas produzidas por indivíduos concretos em situações concretas, sob determinadas condições de produções.

Como professores de Português Língua Estrangeira (PLE), percebemos que poderíamos citar infinitos exemplos, pois fazemos muito mais do que simplesmente ensinar as estruturas gramaticais e seus significados. Tentamos, dia-a-dia, mostrar o uso da linguagem que, muitas vezes, não está baseado nem na gramática e nem na semântica.

Por exemplo: o uso do “Pois não”?

Se fôssemos analisar morfologicamente, teríamos uma conjunção e um advérbio de negação. Sintaticamente, não é possível explicarmos; semanticamente, tampouco, visto que aqui no Brasil há um significado e em Portugal há outro. Em Portugal, significa não; no Brasil, depende estritamente do contexto.

Em Portugal, se alguém ligar para um escritório e falar:

\_\_ Por favor, posso falar com o João?

E se a resposta dada for “pois não”, isso significa que, por algum motivo não especificado, não poderá falar com João. No entanto, no Brasil, se uma pessoa telefona para um diretor e a secretária atende:

Paulo: Por favor, gostaria de falar com o Sr. Morais

Secretária: Pois não.

Este “pois não” significa: um momento, vou chamar.

Em uma loja:

Cliente: Por favor, posso experimentar estes sapatos?

Vendedora: Pois não.

Aqui significa: Claro, já vou buscar.

Portanto, o estudo da pragmática é muito importante porque contribui para melhor compreendermos a mente humana, como os homens se comunicam e, mais ainda, como manipulam uns aos outros, ou pelo menos tendem a fazê-lo, observando como a linguagem é usada, formada e transformada. É através da Pragmática que podemos obter uma explicação mais completa do comportamento lingüístico, principalmente quando não podemos explicar algo de acordo com outras áreas da Lingüística.

Observemos a ambigüidade que, para os pragmáticos, não existe, pois pode ser desmontada pela situação. Para os pragmáticos, não há ambigüidade, a não ser quando se tem a intenção de enganar o outro, "ou para deixar espaço para uma manobra". Na vida real, a própria enunciação desfaz a ambigüidade. A posteriori, no capítulo em que trataremos da AD, veremos de uma maneira mais definida o que é enunciado/contexto, pois é por meio dele que acharemos a força ilocutória do enunciado, pois, para nós, o contexto é muito amplo, já que precisamos também estabelecer a interação entre os interlocutores, o que faz com que o contexto se torne ainda mais dinâmico tanto que Mey (1993: 10) diz:

... it is an environment that is in steady development, prompted by the continuous interaction of the people engaged in language use, the users of the language. Context is the quintessential pragmatic concept; it is by definition proactive<sup>7</sup>, just as people are. (To live in the 'here and now', the classical hic et nunc, is a philosophical abstraction.) By contrast, a purely linguistic description is retroactive and static: it takes a snapshot of what is the case at any particular moment, and tries to freeze that picture. Pure description has no

---

<sup>7</sup> 'proactive' no original: "adj. ( or person, policy, etc) creating or controlling a situation by causing things to happen rather than reacting to eventos, etc."- Crowther, Jonathan (ed.). 1997. *Oxford-Advanced Learner's Dictionary* ( new edition). Oxford: Oxford University Press: 921. (E.S.)

dynamics; it can never capture the richness of the developments that take place between people using language.<sup>8</sup>

Assim é o desenvolvimento dinâmico da conversação, do dialogismo, que nos fornece as pistas necessárias para a comunicação. Os pragmatistas não têm dúvidas de que existam mais "coisas" entre as pessoas e o uso da língua do que dizem os semanticistas, já que sempre há um "porquê" para as pessoas dizerem uma determinada coisa em uma determinada ocasião. As pessoas manipulam a língua para tentar atingir determinado objetivo, embora para tal, a cooperação de outros na interação seja essencial. O que é impossível negarmos é a importância do estudo sobre as motivações das pessoas ao usarem sua língua, e quando elas consideram seu uso bem sucedido ou não, já que até mesmo nas gramáticas pedagógicas sempre há um estudo didático das funções da linguagem, abordando-a de uma forma interacional:

a) Função referencial é considerada uma das mais comuns, pois está relacionada com o contexto e à realidade. As palavras aparecem sempre no sentido denotativo, nunca no figurativo. O discurso baseia-se no referente;

b) Função emotiva é o posicionamento do enunciador diante de um tema abordado, o enunciador expressa seus sentimentos e emoções. A interjeição é um exemplo que podemos citar;

c) Função apelativa ou conativa, é considerada a mais interligada com o nosso estudo do uso da linguagem, já que ela tem por objetivo influenciar o enunciatário;

---

<sup>8</sup> Tradução nossa: "... é um ambiente que está em desenvolvimento constante, instaurado pela interação contínua das pessoas envolvidas no uso da linguagem, os usuários da língua. Contexto é a quinta-essência do conceito pragmático; é por definição proativo, exatamente como são as pessoas. (Viver no 'aqui e agora', o clássico *hic et nunc*, é uma abstração filosófica.) Em contraste, uma descrição puramente lingüística é retroativa e estática: tira um instantâneo do que acontece em um momento particular e tenta congelar aquele quadro. Descrição pura não tem dinâmica; nunca pode capturar a riqueza dos desdobramentos que acontecem entre as pessoas usando a linguagem."

d) Função fática é uma função simples, mas essencial, já que ela visa a manter o contato com o enunciatário, verificando se está ou não conseguindo atingir o seu objetivo (inter-ação);

e) Função metalingüística é a descrição de um código, o enunciador está preocupado em fazer com que o eu enunciatário realmente entenda o seu discurso e, para isso, utiliza-se da própria língua para explicar a sua mensagem;

f) Função poética é a função que se preocupa com o ritmo, com a sonoridade e com a beleza das imagens. Função que não nos interessará, já que nos preocupamos com a enunciação e não com a forma de um texto.

A partir da exposição acima, percebemos como a função e a intencionalidade da comunicação são fatores básicos, pois será a partir delas que o enunciador manipulará o seu discurso. Mas essa diferenciação de funções da linguagem é muito simplista. Esse breve histórico serve-nos de parâmetro, para lembrarmos o que, provavelmente, já estudamos a fim de nos aprofundarmos mais nas teorias e observações que faremos nos próximos subcapítulos.

Considerando isso, podemos dizer que a lingüística moderna tem se desenvolvido para poder explicar o modo pelo qual as pessoas realmente usam a linguagem. Assim, apresentaremos a seguir subcapítulos que expõem teorias e reflexões sobre o uso da linguagem. A primeira teoria a ser mostrada será a Teoria dos Atos da Fala, que nos apresenta os três atos simultâneos do “dizer algo”.

## **1.2. Teoria dos atos de fala**

A Teoria dos atos da fala surgiu com os filósofos da Linguagem, que a tratavam como uma forma de ação. Austin, um desses filósofos, o mais evidente nos dias atuais, divide esses atos em três: ato locutório, ato ilocutório e ato perlocutório.

A priori, definiremos, sob a perspectiva Austiniana, a que "dizer algo" equivale, apontando três atos simultâneos envolvidos durante a enunciação:

- a) Ato locutório, que é o próprio uso da linguagem;
- b) Ato ilocutório, que é a realização de um ato ao dizer algo, reflete a intenção do falante;
- c) Ato perlocutório, que é o ato, o efeito que o falante conseguiu por meio dos seu enunciado, pondo em prática a função denotativa da linguagem.

Entendamos aqui a linguagem como uma forma de ação, em que o ato locutório são os gramemas e fonemas, cuja organização dentro de uma convenção referenda a algo extralingüístico (tema) ao qual se atribui alguma propriedade (rema). Já o ato ilocutório e o perlocutório são muito mais amplos e relacionam o lingüístico e o extralingüístico.

Definindo mais claramente, podemos dizer que o **ato locutório** é a emissão de sons ou a grafia que, organizados de acordo com as regras da língua, funcionam como referentes e predicação, ou seja, quando estão exercendo a função de referentes, estão designando algo do mundo extralingüístico, estão evocando uma entidade exterior para fazer parte do enunciado; porém, quando exercem o ato de predicação, estão dando atributos, propriedades, estados ou comportamentos ao referente. Por exemplo:

Angelo é um garoto exemplar.

“Angelo” é o meu referente e “é um garoto exemplar” é uma predicação.

O ato ilocutório é o ato que atribui força ao enunciado: pergunta, asserção, ordem, promessa, podendo ter essa força explícita pelos performativos<sup>9</sup>, como também implícita. Portanto, o ato ilocutório não é determinado pelo recurso do performativo, o que pode fazer com que a força ilocutória de um enunciado seja ambígua:

---

<sup>9</sup> Os performativos serão abordados a seguir.

Alguém diz: Entre.

“Entre” pode ser um convite, uma ordem, um pedido, etc. Essa ambigüidade só poderá ser desfeita pela entonação, pelos gestos e pela enunciação, porque o enunciado em si não carrega nenhuma marca para que possamos definir com clareza a força ilocutória.

Em princípio, todo valor ilocutório está marcado no significante, mas é necessário ressaltar que há também valores ilocutórios para os quais é impossível identificar o significante e os valores ilocutórios que estão subentendidos. Se apresentam duplicidade, têm a vantagem de poderem ser negados. Filósofos e lingüistas consideram a ambigüidade como uma patologia que interfere na clareza e precisão do significado. O que não quer dizer que concordamos com essa postura, para nós a ambigüidade pode ser considerada tanto um equívoco, quanto uma manobra, ela pode ser intencional ou não intencional.

Assim, é imprescindível analisar o ato ilocutório, porque é um ato que atribui força a um enunciado, podendo ele estar tanto explícito quanto implícito. Quando implícito, devemos recorrer à análise da enunciação, pois ela será o elemento mais seguro para analisarmos tal ato.

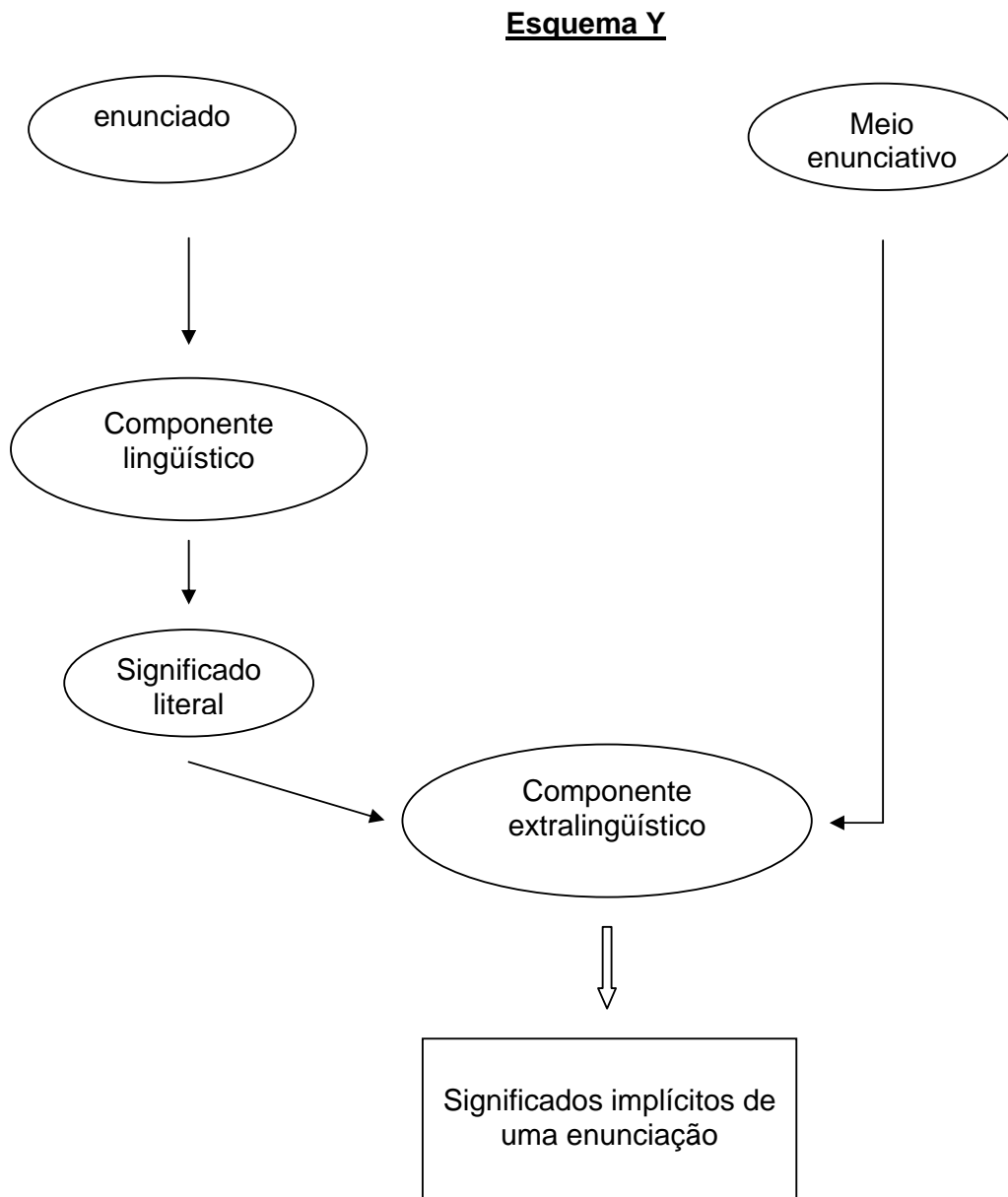
O ato perlocutório, por sua vez, tem a função de gerar certos efeitos sobre o interlocutor, é mais subjetivo, pois um mesmo enunciado pode exercer efeitos diferentes nos enunciatários como: convencer, assustar, agradar, etc.

O que não nos podemos esquecer é de que qualquer enunciado apresenta esses três atos e que o ato perlocutório (efeito) também pode ser diferente do esperado pelo enunciador.

Neste trabalho, a análise dos atos ilocutórios é muito importante, por isso abriremos mais um subcapítulo para deles tratar.

### 1.2.1. Atos ilocutórios

Ducrot (1972) apresenta um esquema em Y que é muito pertinente, pois representa a língua como um sistema que tem regras de funcionamento, compreendendo significantes do enunciado relacionados a significados literais correspondentes:



Este esquema nos mostra que a língua não é apenas um sistema de signos, mas também um instrumento de comunicação, e como toda comunicação tem o objetivo de persuadir, então para a validação de "p é verdadeiro", é necessário termos alguns conceitos e normas em mente. Podemos citar, como exemplo, a afirmação que é uma dessas regras, ou seja, afirma um exposto e pressupõe algo mais.

Assim, exporemos outros atos ilocutórios que consideramos essenciais a qualquer comunicação e por isso estudaremos mais minuciosamente:

- a) Perguntas: são regras comunicacionais e atos ilocutórios, pois ao verificá-las, constataremos que sua principal função é a de fazer com que o receptor seja obrigado a responder.

Perguntas são relações institucionais estabelecidas na situação de interlocução, equivalendo a uma proposição<sup>10</sup>, cujo valor de verdade permanece desconhecido. As perguntas e respostas de um são determinadas pelas perguntas e respostas do outro, são atos ilocutórios básicos. Observe-se o que Lyons (1981:188) afirma:

Os atos ilocutórios não são apenas universais como básicos: não pode existir sociedade humana em que não se dêem atos deste tipo; muitos atos ilocutórios são específicos da cultura.

- b) Proposições são asserções, são expressões verbais de um juízo.

Observando a língua, isto é, a linguagem em uso, verificaremos que as proposições têm como regras gerais:

- serem verdadeiras ou falsas;
- serem já do conhecimento do enunciatário;

---

<sup>10</sup> Proposição não é sinônimo de enunciado. Consideraremos por proposição: asserções, ou seja, afirmações categóricas, que têm a função de declarar. De acordo com Searle (1981) asserção é um compromisso com a verdade da proposição.

- serem acreditáveis ou não acreditáveis;
- serem afirmadas, negadas ou questionadas;
- manterem sua constância nas traduções de uma língua para outra.

A respeito da verdade ou da falsidade de uma proposição, nós diríamos que nossos textos são formados de proposições verdadeiras ou falsas, dependendo da ocasião, do contexto em que ela esteja inserida, isto é, uma proposição verdadeira em uma situação, pode ser considerada falsa em outra<sup>11</sup>.

Por exemplo: Ele não pode se casar. (Causa: Ele já é casado)

Essa proposição é verdadeira se a fizermos em sociedade baseada na monogamia; portanto, fica claro que essa será uma proposição falsa, se dentro da poligamia. Vejamos como essa afirmação pode ter seu valor alterado em outras circunstâncias:

Sendo uma sociedade monogâmica ou poligâmica "uma mãe" diz :

“Meu filho não pode se casar”. (O filho não ama a rica pretendente) Se essa mãe tem como valor moral os relacionamentos baseados no amor, essa afirmação é verdadeira, já que vai ao encontro da sua ideologia. Mas, para uma mãe que acredita que o dinheiro é a coisa mais importante, essa proposição pode ser considerada além de falsa, absurda, já que a pretendente, como foi dito, era rica.

Uma proposição que pode ser considerada absolutamente verdadeira é aquela que é óbvia e que mantém seu valor de verdade em todas as circunstâncias, podendo ser considerada uma verdade lógica.

Por exemplo: O gelo é gelado.

---

<sup>11</sup> Os exemplos abaixo não tem relação com as análises.

Ainda neste âmbito de verdade e falsidade temos as tautologias e as contradições, que são díspares entre si: tautologia podemos dizer que é o ato de dizer a mesma coisa de várias formas, é redundante, é uma falsa argumentação como diz Othon Garcia (1997).

Embora as tautologias não sejam utilizadas, por serem apenas formas de se dizer diferentemente a mesma coisa e não possuir nenhum caráter argumentativo, para nós, elas são necessariamente verdadeiras, já que sua forma é lógica. Seguindo o raciocínio de Jonh Lyons (1981) temos o exemplo:

"Ou neva, ou não neva."

As contradições não são, necessariamente, verdadeiras ou falsas, esse julgamento está estritamente ligado ao contexto. Um exemplo:

Come e não come.

Essa afirmação pode ser considerada falsa caso seja uma afirmação sobre alguém, já que ou uma pessoa come ou não come, ela não pode fazer a ação de comer e não comer simultaneamente. Mas essa afirmação pode ser considerada verdadeira se uma pessoa a diz referindo-se a duas pessoas diferentes uma comendo a outra não comendo e, assim, nessa segunda situação, ela perde a contradição.

Pressuposição é também um ato ilocutório, que se apresenta marcado no enunciado, pois quando não possuem algum tipo de marca lingüística, os atos ilocutórios são chamados de subentendidos, conceitos que abordaremos posteriormente.

Restringindo-nos apenas à pressuposição, podemos tratá-la como marcas lingüísticas. Veja alguns exemplos:

Afirma p - não pressupõe nada.  
Sustento que p - pressupõe SE<sup>12</sup>- falso.  
Repito p - pressupõe que p já foi dito.  
Confirmando-te p- pressupõe SE já disse p.  
Anuncio-te- pressupõe SE não te disse p ainda.  
Respondo-te- pressupõe Tu perguntou sobre p.

Searle (1981) propõe uma taxonomia alternativa dos atos ilocutórios, que merece ser ressaltada:

- a) Os representativos: comprometem o falante a expressar a verdade dos enunciados. Exemplos: as asserções, as constatações, as explicações.
- b) Os diretos: têm por finalidade ilocutória provocar a situação do interlocutor. Exemplo: as perguntas.
- c) Os compromissórios: comprometem o falante a uma conduta futura. Exemplo: a promessa, o juramento, a oferta.
- d) Os expressivos: têm por finalidade ilocutória expressar o estado psicológico relativo ao conteúdo proposicional. Exemplos: o agradecimento, a felicitação, a desculpa.
- e) Os declarativos: determinam a correspondência entre o conteúdo proposicional e um estado de mundo. Exemplos: o casamento, a nomeação, a despedida.

Dessa forma, podemos perceber através da taxonomia apresentada por Searle que todo enunciado tem uma dimensão ilocutória e, dentro desta perspectiva,

---

<sup>12</sup> SE significa opinião pública.

podemos dizer que um enunciado apenas pode representar algo além dele mesmo, se mostrar sua própria enunciação, pois como diz Maingueneau (1996:16):

Dizer algo parece inseparável do gesto que consiste em mostrar que se diz. Isso se manifesta não apenas através dos atos de linguagem, mas também através dos embreantes; qualquer enunciado tem marcas de pessoa e de tempo que reflete a sua enunciação, coloca-se mostrando o ato que o faz surgir.

A enunciação é tão importante que até a pressuposição está estritamente ligada a ela, pois embora esteja marcada no posto, ela depende do contexto para pressupor algo. Devido à sua importância, abrangê-la-emos mais profundamente.

### **1.3. Teoria da Enunciação**

A Teoria da Enunciação, assim como a Teoria dos atos da fala, trata a linguagem como uma forma de ação, por isso será inserida na Ciência Pragmática.

Antes de chegarmos ao conceito do que consideramos enunciação, é preciso definirmos enunciado<sup>13</sup> que, para nós é o produto de uma enunciação, é o que temos de concreto, ou seja, é uma manifestação concreta, expressa oralmente ou graficamente.

É também muito importante termos sempre em mente que, para haver um enunciado, é necessário existirem dois seres: um enunciador e um enunciatário, que são os responsáveis pela construção de sentido de um enunciado.

Quanto à enunciação, diremos que ela é um processo, ou seja, como diz Ducrot: (1972:179) “o acontecimento constituído pela aparição do enunciado” É apenas por meio de sua análise que podemos detectar porque um enunciado foi produzido. É a enunciação responsável pelo levantamento das informações necessárias à análise de um discurso, detectando as razões da produção de um

---

<sup>13</sup> Frase não é sinônimo de enunciado, visto que é apenas uma estrutura gramatical.

enunciado, suas condições de produção, assim como outras marcas que a AD nos apresentará em capítulo próprio.

A priori, definiremos as Condições de Produção<sup>14</sup> (CP) como marcas de lugar, de tempo, dos papéis representados pelo enunciador e pelo enunciatário, das imagens recíprocas, ou seja, elementos que são responsáveis pela constituição dos sentidos de um enunciado.

Essas marcas podem ser detectadas de diversas maneiras, mas principalmente, a partir do sistema pronominal e sistema verbal que se inserem no estudo dos dêiticos, servindo como base tanto para as análises pragmáticas como para as análises do discurso.

### **1.3.1. Dêixis**

Os dêiticos, embora façam parte da Teoria da Enunciação, foram divididos em um subcapítulo a fim de ressaltarmos a sua importância.

Os dêiticos são elementos essenciais para a construção de um texto, pois são elementos contextualizadores, e não podemos esquecer que o contexto é fundamental para a determinação do conteúdo proposicional, mesmo que a informação contextual esteja no nível de nosso subconsciente na interpretação dos enunciados. Lyons (1981:203) argumenta o seguinte:

O contexto determina o significado do enunciado em três níveis distintos de análise de texto. Primeiro, pode nos dizer que a oração foi enunciada, se realmente foi enunciada uma oração. Segundo, nos dirá normalmente que proposição foi expressada, se foi expressada. Terceiro, pode servir para nos dizer que a proposição de que se trata foi expressada com um tipo de força ilocutória em lugar de outra. Em todos os três casos, o contexto é relevante para determinar o que disse nos distintos sentidos de dizer. Mas o significado do enunciado vai mais além do que implica (ou pressupõe).

---

<sup>14</sup> Retomaremos as Condições de Produção do discurso no próximo capítulo.

Portanto, no sentido da contextualização, a dêixis é fundamental, pois é responsável pela determinação do significado dos enunciados. De acordo com Lyons(1981:230):

Dêixis se empregam comumente hoje em dia para se referir a um gama muito ampla de fenômenos, entre os quais se incluem os advérbios demonstrativos (aqui, aí), o tempo gramatical (passado,presente,futuro), e diferença léxicas, tais como os verbos IR vs VIR.

Podemos afirmar, então, que os elementos dêiticos são signos que nos remetem à enunciação de um enunciado.

Uma dêixis essencial para a determinação do significado proposicional dos enunciados é a presença de um EU e de um TU, já que cada ato de enunciação, cada ato locutório está inserido em um contexto espaço-temporal com um eu e um tu, pois toda enunciação pressupõe um enunciador e um enunciatário em um espaço e em um tempo, portanto o EU-TU-AQUI-AGORA.

Assim, podemos dizer que os dêiticos são símbolos que têm uma significação convencional. Ao analisarmos a sua presença num texto, podemos colher muito mais informações do que pensávamos. Para tal, voltemo-nos para os dois principais sistemas, pronominal e verbal, descritos por Benveniste. O primeiro sistema, chamado pronominal, é composto como o próprio nome já diz, por pronomes pessoais. Mas é uma definição que difere da gramática tradicional. Benveniste, aqui, designa outras funções aos pronomes e às pessoas. Ele admite os *pronomes da Pessoa*, que são o Eu e o Tu, ou seja, a 1ª e a 2ª pessoas. Estando no singular ou plural, o que importa é a existência de um locutor que interage com um interlocutor. Benveniste (apud Brandão,s/d:47-48), ainda, considera a 3ª pessoa como não-pessoa, por ser considerada apenas como um referente extralingüístico evocado no discurso. Para ele, só são consideradas pessoas do discurso o EU e o TU, como já dissemos anteriormente, o ELE é denominado uma não-pessoa, ou seja, é apenas um referente; pois, se considerarmos o ELE pessoa, teremos uma série de inconvenientes, uma vez que o Eu é a pessoa que fala, exerce um papel ativo; e o

TU também é ativo porque é a pessoa que ouve, podendo também tomar a palavra. Porém, o ELE é um ser passivo, é apenas a pessoa ou “coisa” da qual se falou.

Já sobre o segundo sistema, o verbal, Benveniste (1989) faz grandes apontamentos e nos introduz a idéia de performatividade verbal, que será explicada a seguir.

Austin (1990) se interessa pela performatividade dos verbos e estuda os verbos performativos, que são os que executam a ação que dizem, criam uma nova realidade apenas pela pronúncia de um verbo performativo, como os verbos Jurar e Batizar. Os performativos são verbos que se opõem aos verbos contativos, portanto não podem ser considerados verdadeiros ou falsos.

Benveniste (1989) nos apresenta a performatividade do verbo, quando alguns verbos são empregados na 1ª pessoa do singular do indicativo e possuem a condição social necessária para, além de apenas descrever uma ação, revelar a capacidade de fazer com que o seu dizer seja uma ação. É o ato de realizar uma ação usando os verbos PERFORMATIVOS como eu prometo..., eu batizo, eu juro..., eu imploro... e assim por diante, como diz Koch (1998 :18) : “...realizam a ação que nomeiam”. Mas, observemos que se esses verbos considerados performativos estiverem conjugados em outros tempos verbais ou não estiverem na 1ª pessoa, perderão a sua força e não mais serão tratados como performativos, pois voltarão, apenas, a descrever uma ação e não mais a realizarão, provando, assim, a tese da subjetividade da linguagem.

Chamaremos de subjetividade o que Possenti (1993:183) afirma:

a expressão lingüística oscila entre dois pólos que são os sentimentos individuais e os sociais, e sendo o social antes de tudo coercitivo, o equilíbrio da expressão é 'sem dúvida a resultante do impulso emotivo individual e da contenção que provém de considerações estranhas ao indivíduo.

Para ele, existem dois planos de enunciação. Um deles é a história, que se relaciona com o passado. O locutor não se envolve, ele evoca a “não - pessoa” e enuncia usando verbos no pretérito perfeito simples, no imperfeito, no pretérito mais-que-perfeito e no futuro do pretérito. Por exemplo:

Ele entrou tarde no restaurante. Certamente ocupara-se até agora em grandes negócios. Poderia ter uns sessenta anos, era alto, corpulento, de cabelos brancos, sobrancelhas espessas e mãos potentes. Num dedo o anel de sua força. Sentou-se amplo e sólido. (Lispector,1994:97).

O outro plano de enunciação é o discurso, no qual o autor, em um determinado momento e situação, usa a língua para se mostrar, instaurar um Eu que aparece junto com um Tu. Nessa enunciação, existe a polarização, de um lado o Eu, do outro um Tu; é nesse Eu que, por um motivo ou outro, pode influenciar esse Tu, a temporalidade é marcada. Os tempos característicos são: o presente, o pretérito perfeito composto e o futuro do presente. Por exemplo:

Perdi-o de vista e enquanto comia observei de novo a mulher magra de chapéu. Ela ria com a boca cheia e rebrilhava os olhos escuros. No momento em que eu levava o garfo à boca, olhei-o... (Lispector,1994:97).

Para uma melhor compreensão, enfocaremos, aqui, os tempos da enunciação, que são basicamente três tempos verbais: o presente, o passado simples e o passado composto.

a) o presente do indicativo: esse tempo verbal pode ser denominado de atemporal, não tem significado temporal, pois pode ser combinado com qualquer indicação de tempo. Gramaticalmente, ele corresponde ao tempo da enunciação ou ao presente histórico, ou seja, o presente que se volta ao passado e ao futuro, um presente absoluto, uma verdade universal. Quando esse tempo é ligado a

advérbios de passado, como ontem, anteontem, seu valor se torna automaticamente correspondente a essas dêixis temporais<sup>15</sup>.

Nesse tempo, é o contexto que estabelece o tempo da enunciação. Tanto que Cervoni (1989: 35) diz:

... o que é essencial no valor do “presente” é a sua realidade cinética; a imagem que fornece de um acontecimento é essencialmente a de uma orientação prospectiva e/ou retrospectiva.

Por exemplo:

Maria viaja amanhã.

Mariana trabalha muito.

Mariana está trabalhando muito.

Observemos o cinetismo do presente: ele é duplo, separa, nitidamente, o passado e o futuro e quando utilizado com o gerúndio, nivela esse passado e esse futuro, dando a idéia de continuidade.

b) o passado simples: tem como função principal, captar um acontecimento passado e trazê-lo para o presente e pode também apresentar-nos uma idéia de consecução, ou seja, a sucessão de acontecimentos sucessivos, respeitando sempre uma cronologia, para que na enunciação o devir dos acontecimentos fique claro para o enunciatário. (na parte de pressuposição, faremos uma diferenciação entre pretérito perfeito e pretérito imperfeito)

c) o passado composto: quando utilizado tem por objetivo dividir os fatos. Esse passado tira a idéia de consecução que existia ou podia existir no passado

---

<sup>15</sup> Estamos considerando, aqui, como dêixis temporais, os advérbios de tempo: hoje, agora, que nos remetem ao presente da enunciação. Para o passado: ontem, anteontem, etc. (ontem, sempre

simples, pois o particípio passado descreve-nos uma ação completamente terminada.

Vale como observação que os tempos Imperfeito e o Pretérito Mais que Perfeito são comuns aos dois planos.

Assim, após a análise do dêiticos, podemos com muito mais segurança, adentrar o campo dos pressupostos e subentendidos.

#### **1.4. Pressupostos e subentendidos**

Há muito o conceito de pressuposto e subentendido parecia confuso, mas, hoje, essa diferença é definida e as pessoas utilizam, cada vez mais, esses dois recursos, já que um pode ser negado e o outro não, podendo ser um grande instrumento de manipulação: dizer o “não-dito” ou negar o “dito”.

Pressupomos algo, ou alguma coisa, quando no enunciado há alguma marca que nos permite ter essa idéia, ou fazer esse juízo. Os subentendidos são as idéias, os julgamentos que fazemos de acordo com o nosso conhecimento de mundo, não apresentam nenhum tipo de marca lingüística.

Para Fiorin *et al.* (1990:241) os pressupostos são “idéias não expressas de maneira explícita, mas que o leitor pode perceber a partir de certas palavras ou expressões contidas na frase.” Os subentendidos são: “insinuações contidas por trás de uma afirmação.”

Os pressupostos estão indicados lingüisticamente, como marcadores argumentativos, como os verbos: ‘parar’, ‘voltar’, ‘refazer’, entre outros. Os subentendidos não estão marcados lingüisticamente, precisam muito mais do trabalho do enunciatário para que seja entendido.

O implícito, o “não-dito”, o que está nas entrelinhas, tem uma função: dizer o “não-dito”, o que pode ser considerado como uma estratégia do enunciador para manipular, enviando, por meio de um explícito simples, uma mensagem implícita para o enunciatário decifrar. O implícito está presente, ainda, nos enunciados não apenas como manobras, ele existe como instrumento de economia, pois muitas informações não são necessárias de serem dadas aos enunciatários. Outra função do implícito pode ser a atenuação de um discurso agressivo.

Mas, a grande manobra do implícito é poder ser negado. Podemos muito bem falar que não dissemos o ‘implícito”. De fato, podemos não ter dito algo, verbalmente, mas é bem possível que tenhamos usado alguns artifícios para fazer com que o nosso enunciatário entendesse o que na verdade gostaríamos de lhe ter dito diretamente. Queremos que o outro entenda, mas não queremos assumir a responsabilidade pelo que dissemos.

Observamos também que o implícito nem sempre é proposital e que não aparece apenas para camuflar uma verdade. Quando usado conscientemente mostra que o enunciador tem um ótimo manejo de sua língua. Maingueneau (1996: 95) afirmou:

O julgamento sobre o manejo do implícito é aliás ambíguo. Pode-se nele ver tanto uma recusa de franqueza quanto uma marca de delicadeza, tanto uma falta de vontade de convívio. Como o implícito se define como um jogo entre o dito e não dito...

Os pressupostos não são ferramentas de manipulação, embora possam ser usados com esta finalidade. A característica do pressuposto é a de nos remeter à obviedade da língua, ou seja, o pressuposto é o “não-dito” de um posto. O pressuposto é o que está atrás de um posto, ou seja, ele está marcado lingüisticamente.

Um exemplo que podemos demonstrar são as estruturas pressuposicionais, de acordo com Maingueneau:

a) Os verbos **factivos** (pressupõem verdade) e **contrafactivos** (pressupõem mentira): Ex: João sabe que você comprou aquela casa, pressupõe que seja verdade que você tenha comprado a casa;

b) Verbos subjetivos: confessar é um exemplo, pressupõe que eu fiz algo de errado. Ex: Eu confesso;

c) Verbos ou marcadores aspectuais: ele parou de fumar, mostra que ele antes exercia a ação de fumar;

d) Nominalizações: A alegria de Renata. Pressupõe que Renata está alegre;

e) Descrições definidas: O rei da Inglaterra, pressupõe um referente que corresponda, que exista;

f) Epítetos não-restritivos: criticou o corrupto ACM, pressupõe que ACM era corrupto;

g) Interrogativas parciais: Quem está chegando? Pressupõe que alguém esteja chegando.

Assim, podemos chamar os pressupostos de estruturas pré construídas, pois o pressuposto é evidente e é essa evidência que faz com que ele seja um elemento de suma importância para a coerência.

O subentendido seria uma insinuação. Refere-se, como o próprio nome já diz, a entender algo ou fazer alguém entender este algo, que não está marcado no texto. É dizer algo, isentando-se da responsabilidade desse dizer implícito, ou como alguns dizem, nas 'entrelinhas'.

Como o subentendido é mais sutil, é necessária a colaboração do enunciatário para acatá-lo, pois está relacionado ao contexto e, sem ele, ninguém

subentende nada, já que, dependendo do contexto de um certo enunciado, o subentendido é um ou outro. Tanto que Grice observou (apud Maingueneau 1996: 105):

a atividade discursiva supõe uma cooperação de seus participantes que, apenas pelo fato de eles entrarem no intercâmbio verbal, devem seguir um certo número de regras tácitas...

Consideramos os *tropos tradicionais* (metáfora, hipérbole, ironia e etc.) como subentendidos, pois, através do sentido literal, eles fazem inferências e dão uma outra interpretação para o seu enunciado para que faça sentido. Fiorin *et al.*(1990: 28) diz: “Para entender com mais eficácia o sentido de texto, é preciso verificar as concepções correntes da época e na sociedade em que se foi produzido.”

#### 1.4.1. Pressupostos pragmáticos

Os pressupostos pragmáticos divergem dos pressupostos semânticos, apresentados acima, pois estão intrinsecamente ligados à enunciação, como disse Maingueneau (1996:103) :

Vimos que qualquer ato de linguagem por sua enunciação implica que as condições de sua legitimidade estejam reunidas. Essa ‘implicação’ pode ser reformulada como pressuposto pragmático.

Exemplos:

**Ato de perguntar** pressupõe que quem está perguntando não saiba a resposta, ou queira sabê-la.

**Ato de prometer** pressupõe que o enunciador da promessa esteja apto e queira cumprir a promessa que está fazendo.

## 1.5. Teoria da Atividade Verbal

A Teoria da Atividade Verbal vem nos mostrar a ligação entre a Pragmática e a Teoria da Enunciação, considerando uma dependente da outra.

Essa é uma teoria citada em Koch (1998: 24), desenvolvida por psicólogos e psicolingüístas, como Leontev e Luria que, seguindo os passos de Vigotsky, consideraram que a linguagem tinha por objetivo principal a realização de atos. Para eles, a linguagem é uma atividade social, apresenta uma força ilocutória, pois todo enunciado é produzido com uma intenção e para a obtenção de um objetivo. Mostram-nos, ainda, a necessidade da análise das condições e, conseqüentemente, os efeitos desse enunciado sob essas condições .

A Teoria da Atividade Verbal surgiu de uma crítica sobre a Teoria dos atos da fala, mas, igualmente à Teoria da Fala, apresenta suas limitações, pois também recai muito mais para a análise do LOCUTOR, uma vez que a comunicação apenas pode ser estabelecida caso o interlocutor seja capaz de entender o código lingüístico, de reconhecer a intenção do locutor e queira aceitá-la. Logicamente , a comunicação não é tão simples assim, tanto que, na Antigüidade, já se estudava a oratória, para seduzir e manipular, de forma velada, o seu interlocutor.

Assim, consideramos a interpretação, ou seja, a compreensão, também, uma atividade, pois como Koch (1998:25) diz: "o sentido é construído na interlocução, no interior da qual os interlocutores se constituem e são constituídos ."

Por isso, é necessário que o nosso interlocutor, seja ele um leitor, seja ele um ouvinte, estabeleça as relações entre o texto e o contexto, tanto imediato, quanto social, pois as inferências são de suma importância para a compreensão. Já que não existe um texto tão auto-suficiente, os sentidos são construídos somente a partir do EU, exigindo a decodificação e a reconstrução de um enunciado, pois elementos implícitos sempre têm a necessidade de serem recuperados, para que haja sentido na inter-relação.

Dessa forma, a Pragmática pode ser sintetizada e simplificada no conceito supracitado: a ciência que estuda a linguagem e os seus usuários, já que os pragmatistas não só aceitam o uso da linguagem de diversas maneiras, como também aceitam o “não-convencional”, desde que estabeleça entre os seus usuários uma comunicação. Tanto que Mey (1993) quando comparou a pragmática a uma “cesta de lixo da lingüística”, não o fez pejorativamente, ou seja, quis mostrar que quando alguém não pode explicar um fenômeno de acordo com as outras teorias lingüísticas, joga o problema ou a questão para o âmbito da pragmática. Um exemplo disso, ocorre quando um enunciado que seja incoerente semanticamente, pode não ser uma incoerência se observado do ponto de vista da pragmática, pois ela tentará descobrir o porquê desse enunciado, procurará verificar todo o contexto de produção e justificar a sua existência. Como Mey (1993:14) observou:

(...)Thus, another waste-basket came into being, created to catch the overflow from the semantics basket, which itself had been filled to the brim. As time went by, and people dropped more and more of their unresolved problems with language into this basket, it became a not-too-tidy collection of sometimes rather heterogeneous problems, not all of which were considered by the linguists to be worthy of attention<sup>16</sup>.

A partir disso, podemos perceber quão importante é este estudo, já que contribui para uma melhor compreensão da mente humana, percebendo mais a comunicação humana e suas artimanhas, pois para um pragmaticista não há ambigüidade. Para ele, ela só existe no abstrato, pois o contexto a desfaz ou mostra que e foi apenas uma manobra para enganar o outro.

Concebemos assim, de acordo com os dois exemplos dados acima, que o contexto é dinâmico, é um ambiente que se desenvolve constantemente entre os

---

<sup>16</sup> Tradução nossa:“(...) Dessa maneira, outra cesta de lixo surgiu, criada para receber o excedente da cesta da semântica, que estava cheia até a borda. À medida que o tempo passou e as pessoas jogaram cada vez mais seus problemas não resolvidos com a linguagem na cesta, esta acabou por se tornar uma coleção não muito organizada de problemas, às vezes, bastante heterogêneo, nem todos considerados pela lingüística como digno de atenção”

usuários e a língua. Para nós, muitas vezes, é mais interessante e importante experimentar e descobrir o porquê de as pessoas dizerem algumas coisas do que verificar se o que elas dizem é verdadeiro ou falso.

Dessa maneira, utilizamos as palavras de Mey (1993:20) para fecharmos esse capítulo e não perdermos de vista o nosso objetivo que é a observação do uso da língua pelos seus usuários:

The 'pragmatic turn' in linguistics can thus be described as a paradigm shift, by which a number of observations are brought to the same practical denominator. Basically, the shift is from the paradigm of the language user<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Tradução nossa: "A 'revolução pragmática' na lingüística pode assim ser descrita como uma mudança de paradigma, através da qual várias observações convergem para um mesmo denominador prático. Basicamente, a mudança é do paradigma da gramática teórica (em particular, da sintaxe) para o paradigma do usuário da língua."

## 2. ANÁLISE DO DISCURSO

### 2.1. Algumas considerações sobre Análise do Discurso

Foi em razão da necessidade de sabermos muito mais sobre tudo que se relaciona ao enunciado que trouxemos, como suporte aos estudos baseados na Pragmática, a Análise do Discurso (AD). Segundo esse procedimento analítico, as análises devem ser baseadas no contexto que vai além da situação imediata (espaço e tempo). É necessário também sabermos a identidade dos participantes, suas crenças, seus conhecimentos e suas intenções, etc. Quanto mais informações o analista tiver, mais profunda será sua análise, pois consideramos o significado uma questão de contexto, ou seja, conforme Maingueneau (1997: 36):

A disciplina que estuda a inscrição de um enunciado no seu contexto é a pragmática. Interessa-se particularmente pelas relações que se estabelecem entre os interlocutores através da enunciação e pelas operações realizadas por um destinatário para atribuir uma interpretação a um enunciado num contexto determinado. Com efeito, um mesmo enunciado será interpretado de maneiras muito diversas, conforme a situação que o intervém (...),

Recorreremos, dessa forma, às Ciências Sociais que estudam a ideologia, chamada de teoria auxiliar<sup>18</sup> por Possenti (1993:31), da forma que ele assim nos sugere:

... os mecanismos lingüísticos e as condições usuais de utilização da linguagem não forem suficientes para explicar a ocorrência e a significação do enunciado, por incluir conceitos ou relações explicáveis somente no âmbito de uma teoria auxiliar.

---

<sup>18</sup> Essa teoria auxiliar apresentar-se-á apenas no capítulo da análise, pois nos demais capítulos não apresentamos exemplos que tenham relação com o nosso corpus.

Antes de adentrarmos às reflexões acerca da AD, gostaríamos de ressaltar a nossa postura diante da explanação do que seja discurso, pois não o consideramos sinônimo de texto ou enunciado. Para nós, discurso é o conjunto de vários fatores que apresentaremos abaixo, uma vez que não há uma definição desse conceito pura e simples. Consideramos o discurso como a essência de um enunciado, cuja descoberta se dá somente na sua análise minuciosa, de acordo com os parâmetros que vamos estabelecer<sup>19</sup> ou de acordo com as reflexões que faremos abaixo.

Voltemo-nos, primeiramente, ao russo Mikhail Bakhtin, que considerava a comunicação uma necessidade humana. Observava e definia o que era língua diferentemente de Saussure, pois, para Bakhtin, a língua era uma manifestação individual de cada pessoa. E em virtude dessa concepção, ele se voltou para a enunciação<sup>20</sup>, já que acreditava existir algo além da materialidade lingüística, que chamou de “*não-verbal*”, extraído do contexto da enunciação. Por isso, considerava a enunciação fundamental para a interpretação de um texto.

Iniciamos, assim, uma associação entre linguagem e ideologia, verificando a articulação entre o lingüístico e o social, tanto que Orlandi (1999) afirma que todos nós estamos sujeitos à linguagem e, conseqüentemente, aos seus equívocos, à sua opacidade, pois não há discurso neutro, já que estamos submetidos aos sentidos e ao cultural. Assim é interesse do analista do discurso compreender como um “objeto simbólico” produz sentido nos interlocutores, relacionando sempre o sujeito e o sentido produzido.

Consideramos, então, a AD uma nova concepção de interpretação, muito mais crítica, que procura descortinar o que, muitas vezes, está velado, lendo não apenas o enunciado, mas também posicionando-se como um cientista que procura ir além do que já foi descoberto, ampliando horizontes e colhendo toda riqueza que um enunciado pode conter, uma vez que não há enunciados simples; o que vemos é muito mais do que isso: é o retrato de um indivíduo que é produto de uma sociedade.

---

<sup>19</sup> O estabelecimento dos critérios de análise que utilizaremos, estarão discriminados no capítulo 5: Análise.

É muito importante que não seja esquecido que a AD não é uma teoria, mas sim um procedimento analítico que se apóia em um tripé, constituído pela Teoria Lingüística, Teoria do Discurso, pelas Ciências Sociais, pela Psicologia e Antropologia. Faz-se necessário que o analista defina em qual perspectiva a sua análise terá respaldo, seja ela político, sociológica, psicanalítica ou antropológica.

Depois disso definido, é necessário que procuremos a intenção, pois é ela que direciona, conscientemente ou não, a escolha da palavra, a argumentação, o discurso em si. É necessário que tenhamos um panorama geral do contexto, para que, assim, possamos perceber, por meio do posto, as marcas que nos levarão à interpretação do texto, uma vez que a produção do sentido se dá por meio da interpretação do texto. Orlandi diz (1994:30):

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender o sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele.

Dessa forma, nós, como analistas do discurso, devemos nos portar de um modo diferente diante de um enunciado, isto é, devemos verificar as Condições de Produção do discurso para analisá-lo.

## **2.2. Postura e procedimentos do analista do discurso**

Primeiramente, é imprescindível que o analista do discurso formule uma questão, saiba qual é a sua inquietação e seja um leitor ativo. Ele precisa ter sempre em mente que o enunciado é carregado de intenções e de universos que ele necessita analisar. Para tal, o analista deverá fazer suas escolhas entre os conceitos

---

<sup>20</sup> Vide capítulo: Pragmática

diversos, recortando o que lhe é necessário, pois o analista do discurso, a priori, não tem uma metodologia já definida, já que ele é quem define a que será aplicada ao seu *corpus*. A partir da teoria levantada, esse será o modo de olhar que ele deverá seguir.

Neste trabalho, apresentamos um panorama genérico da Análise do Discurso. Entretanto, os procedimentos que utilizaremos para a nossa análise, estarão definidos no próximo capítulo, quando analisaremos nosso *corpus*.

Para que o analista do discurso possa fazer esses recortes, levantar reflexões, posturas e olhares críticos, elementos essenciais para uma análise dentro da proposta da AD, ele precisa ter esses conceitos incorporados como veículos que o ajudarão a ler nas entrelinhas, a ler o “*não-escrito*”. Assim, as condições de produção de um discurso são um dos mecanismos mais importantes para uma análise adequada.

### **2.2.1. Condições de produção**

As condições de produção abrangem a enunciação e, além dela, o contexto sócio-histórico que imbrica o ideológico em vigor, em conjunto com os esquecimentos, as formações imaginárias e a constituição do sujeito com sua formação discursiva.

Nós diríamos que essas noções, antes de tudo, originam-se da análise de uma Psicologia Social, atravessando a Sociolinguística e relacionando-se com a pragmática, sempre com a preocupação de quem fala, para quem fala e em que situação. Devido a essa complexidade na constituição das condições de produção, dividi-la-emos em: antecipação, memória, esquecimentos.

### **2.2.1.1. Antecipação: as formações imaginárias**

As antecipações relacionam-se com os sentidos e em virtude disso as relações são estabelecidas. Temos algumas formas de antecipações, isto é, formações imaginárias, que definiremos abaixo:

A primeira é a antecipação argumentativa, ou seja, o enunciador se coloca no lugar do enunciatário, ele se projeta e tenta imaginar quais sentidos suas palavras produzirão. Por meio dessas imagens, ele escolherá o que usar e como usar. Esse mecanismo de antecipação argumentativa é um dos mais importantes na persuasão, pois o enunciador tem bem definida a sua intenção e faz o possível para compilar o seu discurso de forma a que o enunciatário entenda, absolutamente, o que se quis passar.

A segunda antecipação é a de posições institucionais, ou seja, de acordo com a posição que o enunciador ocupa, os sentidos do seu discurso têm valor próprio.

Por exemplo:

Se um professor fala que algo é x e um aluno fala que é y, automaticamente o que o professor crê como correto terá mais validade pois, ele ocupa institucionalmente um lugar que lhe dá mais crédito. A validação de que x é o correto só será quebrada caso o aluno tenha argumentos concretos e consiga provar o equívoco do professor. De outra maneira, o errado será o aluno.

Portanto, percebemos que essas imagens são formadas por meio de instituições sociologicamente cristalizadas na nossa sociedade e a significação se respalda nas relações de poder que se inscrevem na história e sedimentam o simbólico. Como nos mostra Orlandi (1999:41-42), o conhecimento do outro corrobora para a benfeitura da construção do nosso enunciado, tanto que afirma:

Como um jogo de xadrez, é melhor orador aquele que consegue antecipar o maior número de 'jogada', ou seja, aquele que mobiliza

melhor o jogo de imagens na constituição dos sujeitos, esperando-os onde eles estão, com as palavras que eles 'querem' ouvir.

Embora as formações imaginárias estejam ligadas à Psicologia, também fazem parte das condições de produção, pois estamos falando de sujeitos que se relacionam com outros sujeitos, mantendo uma relação.

A primeira relação que os sujeitos têm é o relacionamento entre os vários discursos anteriores a este, pois é apenas dessa forma que o discurso atual faz algum sentido. Esses discursos anteriores, tanto discursos reais quanto imaginários, já foram ditos anteriormente de uma maneira ou de outra<sup>21</sup>.

As Formações Imaginárias são recursos utilizados freqüentemente, embora, na maioria da vezes, inconscientemente, o que fazemos são antecipações, já que todos nós, ao nos comunicarmos, pomo-nos na condição do outro, como se nós fôssemos o outro. É uma relação de alteridade. É pela antecipação que o locutor seleciona o seu repertório, pois antecipa os sentidos que as palavras, provavelmente, farão no seu interlocutor.

A antecipação pode ser considerada, um dos principais mecanismos argumentativos, pois ela tem por objetivo a concretização de certos efeitos no locutor, é uma das armas de manipulação, se bem utilizada. Essa antecipação, porém, não é dada aleatoriamente, eu “acho isso” ou eu “acho aquilo”, temos as relações de força:

1. Quem fala para quem?
2. Quem está falando, que sujeito é este ou que autoridade possui?
3. Que papel este enunciador está representando neste momento?
4. Quem é este sujeito que está ouvindo e interagindo com o enunciador?
5. Que papel o enunciatário tem socialmente?

---

<sup>21</sup> No subcapítulo 3.2.1.2 *Memórias*, veremos o que é interdiscurso, entendendo assim de maneira mais clara a afirmação de que todos os discurso já foram enunciados de uma forma ou outra.

## 6. Qual a relação que se estabelece entre ambos?

São perguntas que devem ser feitas, pois nossa sociedade é constituída de relações de força. Há hierarquias, e de acordo com o lugar em que a enunciação é feita, esse enunciado tem um valor diferente.

Por exemplo:

A palavra do Papa tem um valor para os católicos, mas para os que têm outras religiões, as palavras têm outro valor ou valor nenhum, bem como a palavra de um pai tem mais força do que a palavra de um filho (criança).

Dessa forma, podemos observar como as instituições são evocadas, mesmo sem querer, pois apenas por meio delas poderemos fazer nossas projeções, passando de uma situação empírica para uma situação discursiva, percebendo as ideologias.

Assim, temos a imagem que o locutor tem do seu interlocutor, temos a imagem que esse mesmo locutor tem de si mesmo e a imagem que ele imagina que o seu interlocutor tenha dele e espera que fale. Portanto, como diz Orlandi (1999: 40):

As condições de produção implicam o que é de material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórico.

### **2.2.1.2 Memória**

Neste âmbito, o que nos interessa é a memória discursiva, definida como nosso interdiscurso, Orlandi (1999). Entendido como tudo que já foi dito anteriormente, o interdiscurso é o que sustenta os enunciados, ou seja, qualquer enunciado é de certa forma pré-construído. O interdiscurso relaciona-se com a

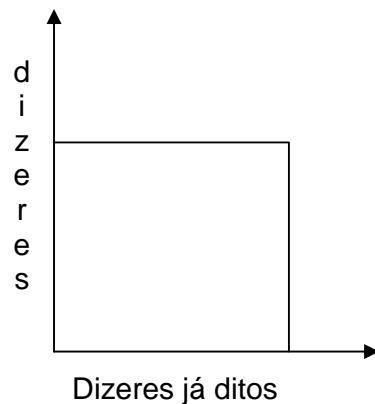
história, é o que faz com que um enunciado tenha um significado em determinada situação.

Observemos que há também o intradiscurso, isto é, a formulação, o enunciado, relacionado com o interdiscurso, já que um intradiscurso só tem sentido devido ao interdiscurso que o liga à historicidade.

É em virtude do intradiscurso e do interdiscurso que as palavras, as “coisas” adquirem sentido. Exemplificando melhor, temos dois eixos, como diz Courtine (apud Orlandi 1999: 33-34):

1. Eixo Y, que está na vertical e que representa o interdiscurso, isto é, a memória.
2. Eixo X. Que está na horizontal e que representa a formulação do enunciado.

A partir da observação do gráfico abaixo, percebemos que o ângulo formado entre esses dois eixos, forma um espaço, preenchido pelos nossos sentidos, pelas nossas significações.



### **2.2.1.3 Esquecimentos**

Há esquecimentos pessoais, humanos, que todos possuem, pois, ao longo do tempo informações nos são passadas; podemos dizer a mesma coisa de várias maneiras, temos várias ideologias e muitos conceitos. Por isso, dessas várias informações e conhecimentos surgem os nossos esquecimentos e, esquecidos, produzimos nosso discurso, trazendo-nos a impressão de produtores únicos desse mesmo discurso, pois dizemos algo como se esse “algo” não pudesse ser dito de outra forma. Sentimo-nos verdadeiros criadores, quando escolhemos o nosso vocabulário, a sintaxe a ser usada, ou quando dizemos alguma coisa com a sensação de sermos os primeiros a estarmos dizendo, quando nos sentimos verdadeiros gênios.

Os discursos já existiam quando nós nascemos e por meio deles, fomos e ainda somos constituídos. São os discursos das instituições, que nos rodeiam, os responsáveis pela nossa formação, valorização “disto ou daquilo” e pela instauração de valores e de sentidos às “coisas”. Somos seres iludidos que sobrevivemos devido a essa ilusão, a esse esquecimento que nos proporciona a ilusória liberdade de escolha.

Assim, percebemos que todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo, já que um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. Para um melhor entendimento desses “dizeres realizados”, fazem-se necessários os estudos das formações discursivas.

## **2.3 Formações discursivas (FD)**

De acordo com Orlandi, consideraremos as formações discursivas como elementos básicos para o estudo do discurso, pois por meio delas podemos entender a relação do discurso com a ideologia vigente. Percebemos, ao observarmos as formações discursivas, que os sentidos não existem por si só, eles mudam de sentido conforme as ideologias, conforme a posição dos que os estão utilizando. Tanto que Orlandi (1999: 43) diz:

...as palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas...

Como já dissemos acima, o discurso é o lugar onde a ideologia se materializa, se concretiza, fazendo com que o indivíduo se assujeite, ou seja, sinta-se dono do seu discurso, das suas idéias, dos seus pensamentos, enquanto, na realidade, ele apenas está representando um papel. Ele não tem consciência disso, mas age de acordo com a formação social que, por sua vez, dirige o seu discurso.

Assim, podemos estabelecer uma diferenciação entre formação discursiva e formação ideológica. A formação ideológica é constituída por um conjunto de formações discursivas. Nossos discursos são guiados por nossas ideologias. Observe Brandão (7ed:38):

São formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam 'o que pode e deve ser dito' a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada.

De acordo com Brandão (7ed), que seguiu os passos de Foucault e Pêcheux, veremos como as formações discursivas funcionam. As formações discursivas funcionam basicamente por paráfrases e pelo pré-construído. As paráfrases são, aqui, a ferramenta que permite o sujeito retomar e reformular conceitos, como se fosse um dispositivo de autopreservação do indivíduo, que quer preservar a sua identidade e, para isso, delimita as fronteiras de uma formação discursiva. É como se ele negasse a polissemia, evitando que as várias formações discursivas se misturem dentro da grande formação ideológica.

O pré-construído é o que não aparece na superfície, não aparece porque não é necessário, pois todos já sabem de uma forma ou de outra ou todos podem ver. É 'o óbvio', está no plano da obviedade, o seu sentido remete à universalidade.

Neste contexto, diremos que há diversos Universos que definiremos da seguinte forma:

- a) Universo Natural, é tudo que rodeia as pessoas, inclusive o EU. É o universo que se descortina a partir do primeiro contato: a mãe, pai, parentes, adquirindo assim a essencialidade e acidentalidade. A essencialidade são as nossas estruturas, diz o que as coisas têm e para que têm. A acidentalidade, por sua vez, baseia-se nos verbos ser e estar, descreve os traços acidentais dos objetos.
- b) Universo de experiência é o conhecimento que se adquire pelas experiências. Essa aquisição pode acontecer *in loco*, quando o indivíduo vivencia determinada situação. Pode ainda ser *in foco*, quando a experiência é passada por meio de outros (relatos, televisão, etc.)
- c) Universo de Conhecimento é todo o seu conhecimento adquirido ao longo da existência, é o responsável pela polifonia, pois encerra as diversas formações discursivas que constituem um ser.
- d) Universo de Crenças é constituído, como o próprio nome já diz, de crença. É o universo que julga e divide tudo em categorias: categoria de verdades e de falsidades, sendo exclusivamente cultural.

Observemos a afirmação de Brandão (7ed:39):

O conceito de FD regula, dessa forma, a referência à interpelação-assujeitamento do indivíduo em sujeito de seu discurso. É a FD que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar às palavras. “falar diferentemente falando a mesma língua.

Vemos, assim, que o discurso pode ser contraditório devido às diversas FD que o formam, mas elas podem ser observadas e analisadas ao averiguarmos como cada discurso se constituiu, ou seja, de que forma os interlocutores assumiram e porque assumiram determinadas posturas, quais as relações de forças que existiram nesse discurso e qual a força que o estava comandando; dessa forma, tornando as contradições amenizadas ou suprimidas pela FD que predominar no enunciado. Faz-se necessária, assim, uma reflexão sobre sujeito.

## **2.4 Sujeito**

Sujeito é mais do que um conceito, é parte essencial para um analista do discurso. Não estamos falando do conceito que os gramáticos até então sempre tiveram e têm até hoje, estamos falando de outro sujeito, que abordaremos sob uma nova perspectiva, para nós de suma importância, já mencionado por diversas vezes.

O sentido de um enunciado está ligado ao sujeito e ele sempre tem uma formação histórico-social própria e única, dentro dos parâmetros da sociedade em que vive, isto é, sempre há um “agir” comum.

Esse sujeito não é mais visto como um indivíduo comum, mas como um indivíduo constituído por diversas vozes que esses indivíduos, muitas vezes, não sabem nem sequer que existem e muito menos de quem ou de onde vieram. É esse indivíduo que passa, agora, a ser chamado de sujeito.

Esse sujeito, embora tenha sido constituído num determinado espaço e numa determinada época, é individual e tem a subjetividade como característica fundamental, que o transforma em único, pois ele é um “amontoado de vozes” que tem voz própria.

Essa voz própria é que o faz diferente dos demais, pois as vozes comuns, os paradigmas sociais, os dogmas, estão em todo lugar, estão arraigados. Podemos dizer que, de certa forma, são modelos pré-estabelecidos que se repetem diversas vezes ao longo da história, mas que, em alguns casos, são necessários, já que são

os grandes reguladores das ações humanas. São eles que fazem com que os seres humanos, muitas vezes, senão a maioria do tempo, ajam de acordo com as regras que se estabeleceram e, portanto, as únicas que podem ser aceitas.

Os sujeitos, embora ajam de acordo com as formações discursivas que lhes foram transmitidas por várias pessoas, isto é, pelas “instituições” ao longo de sua existência, não agem apenas conforme o que lhes foi transmitido, mas atuam também de acordo com os papéis que estão representando.

Podemos perceber que, muitas vezes, quando muda o papel a ser desempenhado por alguém, também muda a sua visão, a formação discursiva, o agir.

O discurso reflete, categoricamente, a posição do enunciador em relação à sociedade e ao enunciatário. Na maioria das vezes, essas mudanças no discurso e nas atitudes não acontecem conscientemente<sup>22</sup>, mas refletem formações discursivas que faziam parte do nosso eu, estavam dentro de nós, arraigadas, não podendo negá-las. São as formações discursivas que, por mais que queiramos esconder de nós mesmos, sempre emergem para a superfície. Isso pode ser observado quando um empregado passa a ser o patrão, por exemplo.

As formações discursivas que negamos e não aceitamos conscientemente são, geralmente, as que se opõem ao papel que desempenhamos no momento. Contradizem, principalmente, a formação ideológica que elegemos como filosofia de vida ou modo de pensar.

As formações ideológicas são compostas por diversas formações discursivas e por isso podemos dizer que há vários eixos discursivos, cada um vertendo para uma direção, dependendo da intenção e lugar do enunciador. Orlandi diz (48-49):

---

<sup>22</sup> Diversas formações discursivas são incorporadas conscientemente, mas muitas outras nós incorporamos inconscientemente, ficam como que guardadas, armazenadas, escondidas e só aparecem quando mudamos de papel.

...o sujeito só tem acesso à parte do que ele diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história e , pois para se constituir, para (se) produzir sentidos, ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos.

Falamos a partir de nossas posições. Se eu digo algo é porque estou representando em certo contexto um determinado papel e, conseqüentemente, representando ou exprimindo uma determinada formação discursiva no meu contexto mais amplo, ou seja, dentro da minha formação ideológica.

Tratamos o sujeito como um indivíduo que está representando um papel social, que reflete o pensamento da sua época, a ideologia vigente. Falamos de sujeito incompleto, que vive da relação com o outro, que se projeta e é completado em partes por esse outro e que juntos, de uma forma ou de outra, institucionalizam, cristalizam, perpetuam os sentidos, significam e se significam nesse jogo. Tudo é simbólico, ficando apenas as evidências que a ideologia produziu.

O sujeito é contraditório por si só, apresenta como característica básica a incompletude como nos disse Orlandi (1984) quer ser muito completo, estabelecendo assim, uma relação entre identidade e alteridade. O sujeito é o que acredita ser mais o que acredita que os outros pensam a seu respeito, mais o que os outros pensam dele. Como já dissemos, é um ser polifônico, porque apresenta várias vozes dentro de si, que muitas vezes entram em conflito, devido à disparidade de formações discursivas a que essas vozes pertencem. Portanto, o sujeito apenas encontra sua completude quando interage com o outro.

O sujeito no discurso assume papéis e são esses papéis que regulam o seu discurso, pois o homem é histórico e devido a essa historicidade ele se transforma em sujeito, em um sujeito ideológico. Seus pronunciamentos, sejam eles verbais sejam não verbais, inserem-se num determinado mundo, o que abrange um tempo histórico e um espaço social que permite toda essa articulação, regulando o seu

discurso pelo discurso do outro. Mas, quando dizemos que envolve o discurso do outro não nos referimos somente ao TU, fazemos menção também a outros discursos historicamente constituídos e aos discursos fundadores.

Por isso, para a nossa análise, primeiramente, evocaremos o contexto imediato<sup>23</sup>, ou seja, quem fala, para quem, em que lugar e em qual momento (dêiticos), para que assim possamos analisar mais profundamente os enunciados em questão, levando em consideração o contexto sócio-cultural, associando sentidos aos enunciados, analisando as instituições, a história e toda a cultura,

Essa cultura, que chamamos de contexto amplo, proporciona-nos a construção do nosso discurso, os alicerces, os quais afetam diretamente nossa memória discursiva, direcionando não só o nosso discurso, mas também nossas ações, nosso modo de viver e de pensar. Por essa razão achamos ser de suma importância o estudo da ideologia.

## **2.5 Ideologia**

Em termos mais simples, poderíamos afirmar que ideologia é o conjunto de idéias de uma determinada sociedade. A professora Marilena Chauí em seu livro intitulado "O que é ideologia" desvela-nos filósofos e mostra-nos o que é ideologia, fazendo com que repensemos nossas ideologias. A partir de suas reflexões, pudemos verificar o que é ideologia e observar o quão arraigada ela está dentro de nós, tanto que, na maioria da vezes, não podemos percebê-la, mesmo questionando-a. No início do seu livro, ela afirma (1990:11):

Temos portanto uma teoria geral para a explicação da realidade e de suas transformações que, na verdade, é a transposição involuntária para o plano das idéias de relações sociais muito determinadas. Quando o teórico elabora sua teoria, evidentemente não pensa estar realizando essa transposição, mas julga estar produzindo idéias verdadeiras que nada devem à existência histórica e social do pensador. Até pelo contrário, o pensador julga que com essas idéias poderá explicar a própria sociedade em que vive. Um dos traços fundamentais da ideologia consiste,

---

<sup>23</sup> Consideração nossa.

justamente, em tomar as idéias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais idéias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as idéias elaboradas.

Chaui (1990: 16-17) também mostra que o real é formado pelas idéias que fazemos das "coisas" (objetos físicos, psíquicos ou culturais que podemos perceber através de nossos sentidos), pois as coisas, simplesmente o são. Afirma que somos nós que atribuímos sentidos a elas, tanto que nos dá o exemplo de uma montanha, que pode ser considerada uma coisa, pois por meio dos nossos órgãos dos sentidos podemos vê-la e até mesmo senti-la. Mas, o que nos interessará aqui será o sentido que damos à montanha, que pode ser diferente de pessoa para pessoa, ou seja, de cultura para cultura, já que para a sociedade politeísta a montanha pode ter a conotação de morada dos deuses nas alturas. Já numa sociedade capitalista, a montanha pode ser considerada um patrimônio privado, considerado o capital, o gerador de lucros e assim por diante, dependendo de quem atribui os sentidos.

Fica claro, para nós, que assim como a montanha, tudo o que consideramos real, sofre nossos juízos de valor como confirma Chaui (1990: 18) :

...São formas de nossa relações com a natureza medidas por nossas relações sociais, são seres culturais, campos de significação variados no tempo e no espaço, dependentes de nossa sociedade, de nossa classe social, de nossa posição na divisão social do trabalho, dos investimentos simbólicos que cada cultura imprime a si mesma através das coisas e dos homens.

Concluimos, assim, que são as relações sociais que definem o como e o porquê dos homens agirem de determinada maneira e não de outra. Chamamos de relações sociais as conhecidas instituições: família, política, religião, educação, arte, língua, costumes que têm por objetivo definir o "viver social". Essas instituições produzem idéias que regem a sociedade, fazendo com que ela aja de determinada

maneira. São idéias manipuladoras, que camuflam a verdadeira realidade e legitimizam a dominação, pois fazem-na parecer justa e imprescindível.

Em sua obra, Chauí também descortina-nos a concepção Marxista de ideologia, que adotaremos em nossa análise *a posteriori*, já que o que procuraremos desvendar por meio dos textos, será o discurso ideológico.

Marx faz a ligação direta entre a produção de idéias e a condições sociais e históricas de quem as produz. Para ele são indissolúveis, pois a ideologia é um aspecto da história e o homem é história, é cultura. A sociedade vive numa organização, num sistema de relações sociais e são essas relações sociais que organizam e se organizam econômica, institucional, social e politicamente.

Para que haja essas relações sociais e, conseqüentemente, essas organizações, é necessária a existência de classes sociais, que aqui dividiremos em: dominadores e dominados.

A relação dominador e dominado é uma simbiose, um não existe sem o outro. Nossa sociedade é fundamentada nessa relação que tem o dominante representado pelas instituições que permitem essas relações. Chauí (1990:75) afirma:

A sociedade civil se realiza através de um conjunto de instituições sociais encarregadas de permitir a reprodução ou a reposição da relações sociais - família, escolas, igreja, polícia, partidos políticos, imprensa, meios de informação, magistraturas, Estado, etc. Ela é também o lugar onde as instituições e o conjunto das relações sociais são pensadas ou interpretadas por meio das idéias - jurídicas, pedagógicas, morais, religiosas, científicas, filosóficas, artísticas, políticas. (...) , a sociedade civil se realiza como luta de classes. A luta de classes (...) está presente em todos os procedimentos institucionais..."

É a grande luta para manter-se no poder.

A sociedade civil se divide em classes, sendo uns proprietários e outros empregados, organizando as suas relações sociais de acordo com as instituições a

que pertencem, representando-se e agindo, de acordo, com as idéias que lhe foram impostas de uma forma ou de outra. A sociedade acredita que certas idéias devem ser seguidas, pensam que suas idéias são próprias, criadas a partir do seu próprio senso de observação, não percebem que as idéias predominantes e regras de conduta foram criadas pelo dominador para que o *status quo* possa ser mantido, pois o domínio não se dá apenas no plano material, ou seja, na economia, política, na sociedade, mas também no plano espiritual, com o domínio das idéias, já que a classe dominada pode ser considerada “consumidora passiva de idéias”.

Outra reflexão que também consideramos ser pertinente ao nosso trabalho, já que trabalhamos com a linguagem, é uma reflexão entre linguagem e ideologia. É necessário ressaltar que não analisaremos a linguagem dentro da perspectiva modelar, que é a utilizada pela classe dominante, mas a que nos remete ao discurso que, por muitas vezes, nos chega com a ideologia camuflada, intencionalmente ou não. Fiorin (1998: 8) diz:

A linguagem é um fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios. É ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica. Por isso, dizer que a linguagem sofre determinações sociais e também goza de uma certa autonomia em relação às formações sociais não é uma contradição. Isso implica, entretanto, distinguir dimensões e níveis autônomos e dimensões e níveis determinados.

O que ele que nos mostra é a linguagem indissociável da prática social, pois temos já citadas instituições que regulam os nossos papéis enquanto indivíduos sociais.

Temos a língua como um sistema abstrato e real, ao mesmo tempo que social. Abstrato por não ser palpável e real, pois é a língua que estabelece a relação entre os elementos lingüísticos, valorizando cada elemento e definindo as funções. É a língua real e abstrata que organiza a nossa fala, que é a concretização deste

sistema internalizado. É considerada social pelo fato de ser comum a todos os membros falantes de uma determinada sociedade.

Abordando o discurso, nós perceberemos que ele faz uso da língua, mas tal uso é guiado pela ideologia, com uma força ilocutória por detrás, pois o homem concretiza, exprime as suas idéias, age sobre o mundo através da fala, que embora individual projeta um social.

É preciso observarmos, como Fiorin afirma, que não é a fala que sofre interferência social, ela é apenas uma exteriorização, o que sobre ação do social é o discurso. Daí o nome Análise do Discurso, que vem a estudar as coerções sociais que determinam a linguagem.

Partindo desse princípio, percebemos que o que nos interessará será muito mais a semântica discursiva, que está ligada ao social e não sintaxe discursiva que é consciente. Percebendo, como diz Orlandi: (1999:42):

(...) o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que a empregam ...

Incorremos, assim, nas formações discursivas, estudadas anteriormente.

Desta forma atestamos, mais uma vez, que não há um discurso neutro, por mais simples que este seja. Observemos o exemplo clássico do ato locutório :

---- *“Tem sal?”*

Percebemos que o locutor com essa simples interrogação, na verdade, está pedindo para o seu interlocutor passar o sal. Ele não quer simplesmente saber se há sal ou não há. Ele quer o sal para alguma coisa que só com o contexto

poderemos inferir para o que seja. Como diz Orlandi (1999: 9): "*... Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano*". Estamos presos ao simbólico e ao social, tudo interpretamos.

Não interpretamos os símbolos e a linguagem aleatoriamente, temos uma formação social, observa Orlandi (1999:11): que "*...Ao falar interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem já estar sempre lá.*". O discurso é um processo, não é algo pronto, palpável, tem um desenvolvimento.

É esse desenvolvimento, esse processo, são essas reflexões que apresentamos anteriormente que despertaram nosso interesse pela AD, já que queremos um estudo que confronte a linguagem, os homens e a sociedade, elementos essenciais para a formação do nosso tripé de análise.

Assim, ressaltamos mais uma vez que a AD é um procedimento analítico que objetiva estudar o discurso. Esse processo de formação nos fará compreender o sentido que a língua tem para nós. O que nos interessa é o homem como sujeito, inserido na sua história, com seu discurso materializado de acordo com as condições de produção e as situações. Por isso a Análise do Discurso é tão dinâmica e requer muito estudo e senso crítico, pois ela confina com outras áreas como as Ciências Sociais, a Psicologia, para procurar o "não dito". Sintetizando, podemos afirmar que o analista quer descobrir a ideologia por meio da materialidade, fazendo com que o homem seja menos manipulado, já que é na língua que a ideologia se materializa.

Encerramos, dessa forma, o presente capítulo com as palavras de Orlandi (1998:19) que resumem o que seja a AD e seu preceitos:

Assim, para a Análise do discurso:

a) a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Lingüística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);

b) a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);

c) o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

### 3. ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, de acordo com a ótica dos pragmáticos e analistas do discurso, utilizaremos técnicas com senso crítico para a captação dos efeitos de sentido, fazendo uma análise lingüístico-pragmática-discursiva da capas da revista feminina NOVA.

Desse modo, podemos caracterizá-lo como um capítulo essencialmente prático, embora retome algumas vezes a teoria, por ser necessária essa sintonia, como afirma Popper (apud Faria, 1998:01):

Nossas teorias são invenções nossas; mas podem não passar de conjecturas malfundadas, conjecturas audaciosas, hipóteses. A partir delas, criamos um mundo: não o mundo real, mas nossas próprias redes, nas quais procuramos colher o mundo real.

Assim, procuraremos colher o mundo real, já que toda comunicação é uma resposta, seja ela interna, seja ela externa, que se consegue de outra pessoa, pois “dizer algo”, na maioria das vezes, provoca efeitos sobre os sentimentos, os pensamentos. Por isso, é necessário, neste trabalho, termos sempre em mente quem está se comunicando e porque, pois toda fonte comunica, influenciada pela sua posição no sistema sociocultural, uma vez que não só os meios de comunicação influenciam a opinião pública, mas também a opinião pública influencia os meios de comunicação.

O *corpus* selecionado foram as capas da revista NOVA de 2001, para assim, podermos ter uma visão geral das capas da revista ao longo do ano. Das 12 capas desse período, limitamos o corpus de análise a alguns enunciados do primeiro trimestre, pois todas as capas seguem um mesmo modelo e incorreríamos na redundância e/ou mesmice.

Como já dissemos anteriormente, a Revista Cosmopolitan NOVA é voltada para o público feminino, com uma tiragem mensal que gira em torno de 440 mil exemplares por mês<sup>24</sup>. NOVA segue um padrão em suas capas, que vai desde o tipo de foto, layout, às maneiras de chamar atenção do público com chamadas fortes como: “Sexo: massagem derrete-homem.”, “ 5 maneiras de fazer o cerco, ocupar, trancar o coração dele (e jogar a chave fora)”, por exemplo.

Recortamos, ao todo, 5 enunciados, pois consideramos esse um número suficiente para observarmos o “não-dito” da revista e, dessa forma, estabelecermos a relação discurso-ideologia. É de responsabilidade da AD trabalhar seu objeto (o discurso) inscrevendo-o na relação língua com a história, buscando na materialidade lingüística as marcas das contradições lingüísticas. Retomando, ainda, Foucault (1971:187):

...analisar o discurso é fazer desaparecer e reaparecer contradições; é mostrar o jogo que jogam entre si: é manifestar como pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência

É necessário que fique bem claro que adotamos, como nossa, a postura de Orlandi (1999: 64), pois estamos em busca justamente de uma nova leitura, que pretendemos muito mais crítica:

Os textos, para nós, não são documentos que ilustram idéias pré-concebidas, mas monumentos nos quais se inscrevem as múltiplas possibilidades de leitura. Nem tampouco nos atemos aos seus aspectos formais ... – pois nos interessa sua materialidade, que é lingüístico-histórica, logo não se remete a regras mas as suas condições de produção em relação à memória, onde intervém a ideologia, o inconsciente, o esquecimento, a falha, o equívoco.”

Nossa intenção é procurar evidências, conferindo a “relação imaginária que o homem faz de si mesmo e as suas condições materiais de existência”, pois como já dissemos a língua é opaca, portanto, só podemos colher seus sentidos pela história.

---

<sup>24</sup> Dados fornecidos pela editora. Em anexo.

Os critérios de análise que usaremos para todos os enunciados serão:

1. Quem diz e para quem diz? (dêiticos)
2. Qual a intenção deste enunciado? (valor ilocutório)
3. Como se apresenta o não-dito dos enunciados? (pressupostos e subentendidos);
4. A relação do “não dito” com a ideologia?

O contexto enunciativo, definido por nós, foi o de uma revista mensal com um público alvo feminino brasileiro, que apresenta duas formações discursivas interiorizadas muito nítidas e distintas, são vozes dentro do universo feminino que estão em constante choque são elas: o machismo e o feminismo.

*A priori*, definiremos de forma generalizada o dêitico EU (enunciador) como toda a equipe da revista que, unida em sua proposta, elabora as chamadas de suas matérias para atrair a atenção do seu público, seduzindo-o. Já os dêiticos TU (enunciatário), são as leitoras da revista, ou seus eventuais compradores. O AQUI e o AGORA podem ser definidos como Brasil, um país democrata, no séc. XXI, no qual a mulher tem uma história, um percurso de conquistas que mostraremos adiante de acordo com as análises de cada exemplo.

O valor ilocutório da capa de NOVA é chamar a atenção do público feminino, fazer com que se compre a revista e, por conseguinte, atrair também anúncios para a revista<sup>25</sup>.

Os dois parágrafos acima são apenas pressuposições, já que um analista do discurso só pode fazer algum tipo de análise mediante o enunciado, pois para nós esse é o ponto de partida para qualquer conjectura, ou conclusão, pois esses tipos de análises têm por princípio teorias bem fundamentadas e dados que possam ser verificados. Por isso, antes de mostrarmos os enunciados que foram recortados para

---

<sup>25</sup> No atual trabalho, não nos interessa o fato da revista querer atrair anúncios, o que nos importa é o modo como a revista chama a atenção do público feminino.

análise, apresentaremos um pequeno histórico da condição da mulher na história brasileira.

Ao observarmos a história da condição da mulher, das lutas que elas tiveram que travar para conquistarem os seus direitos, deveríamos chamá-las de vitoriosas, pois romperam paradigmas. A mulher emancipou-se. Foi uma revolução que não se deu de uma hora para outra, deu-se por meio de uma série de conquistas.

De acordo com Miriam Scavone<sup>26</sup>, essa emancipação teve início com a partida dos homens para a I Guerra Mundial, período em que as mulheres tiveram que assumir alguns lugares sempre vistos como masculinos na indústria e no comércio, o que fez com que pegassem o “gostinho” da independência financeira e adquirissem assim o direito a trabalhar fora do lar. Depois, conquistaram o direito à cidadania, em 1932,<sup>27</sup> com o poder de voto.

O movimento feminista não foi um movimento de massa, as reivindicações partiram de grupos isolados: foram mulheres como Margaret Sanger extremamente discriminada e criticada por defender o direito à contracepção; Betty Friedan que lutou pela liberação do aborto, pela emancipação da mulher casada e pelo divórcio.

Apresentaremos uma lista das conquistas femininas nos últimos 100 anos fornecida pela revista VEJA (1999:224), que servirá de respaldo para a análise do nosso *corpus*:

A mulher mudou de patamar em 100 anos: Passou a ter direito de votar; entrou nas Olimpíadas e, com o decorrer do tempo, aumenta sua participação na competição; entrou maciçamente no mercado de trabalho; conquistou o direito de ser eleita para o governo; não pode mais ser impedida de matricular-se em cursos superiores; conseguiu apoio oficial para evitar gravidez, inclusive com a ajuda de médicos para receitar contraceptivos; aposentou o espartilho e as cintas apertadas; passou a usar calças compridas; maquiagem deixou de ser hábito reprovável; a mulher casada passou a ter os mesmos direitos do marido no mundo civil. Com isso, não precisa mais de autorização por escrito dele para ser contratada no emprego,

---

<sup>26</sup> Veja, 22 de novembro de 1999.

<sup>27</sup> No Brasil.

matricular-se na faculdade, comprar e vender imóvel e dar queixa na delegacia; não pode mais ser deserdada pelo pai por ter sido “desonesta”, leia-se ter perdido a virgindade; acabou o costume de manter virgindade até a noite de núpcias; deixou de ser educada apenas para casar e ter filhos; desaparece a figura do chefe de família. O homem perde o poder legal de dar a última palavra dentro de casa; a mulher não pode mais ser devolvida ao pai pelo marido que a acusa de ter sido deflorada por outro; ficou livre para decidir se quer adotar o sobrenome do marido; a mulher passa a cobrar fidelidade do marido e dar-se o direito de eventualmente trair; conquista o direito de fazer aborto em diversos países; a justiça não aceita mais a tese da legítima defesa da honra para inocentar homens que matam a mulher por ciúme ou traição; a mulher pode fumar ou beber, hábitos antes reservados aos homens, sem sofrer a desaprovação moral da sociedade; a mulher começou a exigir prazer nas relações sexuais; chegou aos cargos executivos nas grandes empresas; recebe salários mais próximos dos pagos aos homens.

Observadas as mudanças ocorridas ao longo do século XX e início do século XXI, faremos a análise dos enunciados seguintes, por meio dos quais buscaremos o “não dito”, relacionando-o com a ideologia.

- 1) Sexo anal: respostas nuas e cruas para dúvidas e medos (a gente sabe que ele só pensa nisso)**
- 2) Sucesso na carreira e regras básicas para jogar como homem e vencer como mulher**
- 3) Você é o melhor presente erótico**
- 4) Táticas eficientes para Ter controle sobre a própria vida. E acabar com o stress, a falta de dinheiro, a solidão amorosa**
- 5) Obesidade e preconceito na carreira. Nossa repórter investiga a nova ameaça e responde: será que quilos a mais significam oportunidades a menos**

No nosso primeiro enunciado “**Sexo anal: respostas nuas e cruas para dúvidas e medos (a gente sabe que ele só pensa nisso)**”, constatamos a presença de dois dêiticos: o primeiro dêitico EU1, representando pela revista e não marcado no texto. O segundo dêitico EU2, representado por “a gente” que pode ser lido como “nós” (EU1+TU1), mostrando que o enunciador EU1 fala a um enunciatário TU1 que sabe tanto quanto ele sobre a preferência sexual masculina: “**sexo anal**”. O enunciador EU1 usa a empatia para envolver o enunciatário (TU1), mostrando a importância da matéria que esclarecerá todas as dúvidas e tentará sanar todos os medos a partir das respostas “**nuas**” e “**cruas**”, adjetivos que mostram que as respostas serão verdadeiras, e não filtradas pelos tabus existentes na sociedade.

O EU1 representa uma revista de circulação nacional, cuja editora é grande e respeitada por todo Brasil: a Editora Abril. Esse EU1 dirige-se a um TU1 feminino, que se interessa por assuntos sobre sexo e que EU1 acredita ter dúvidas e medos em relação ao sexo anal.

O EU1 também mostra que sabe tanto quanto o TU1 que os homens gostam desse tipo de sexo, mas, pela sua posição de informante, mostra possuir um maior conhecimento sobre o assunto, apresentando, assim, respostas para as dúvidas e medos que TU1 possa ter.

Percebemos que o EU1, a revista, coloca-se no lugar do enunciatário, formando a imagem de que o TU1 tem medos e dúvidas sobre sexo anal e compartilham a idéia de que os homens gostam muito desse tipo de sexo. Assim, a partir dessas formações imaginárias do EU1, percebemos que ele acredita que sabe mais sobre sexo do que TU1, desempenhando o papel de informante dos leitores (TU1)

Assim, constatamos que o valor ilocutório desse enunciado é o de chamar a atenção do leitor, para que ele se interesse pela revista, que instiga a sua curiosidade ao enunciar que a revista dará respostas nuas e cruas sobre sexo anal.

Neste enunciado, portanto, percebemos pressupostos e subentendidos, ou seja, “não ditos” nas entrelinhas. Verifiquemos no enunciado **Sexo anal: respostas nuas e cruas para dúvidas e medos (a gente sabe que ele só pensa nisso)** primeiramente os pressupostos e, depois, os subentendidos, para que, assim, possamos observar a FD predominantes nesse enunciado:

- 1º Há sexo anal;
- 2º Há medos e dúvidas em relação ao sexo anal;
- 3º Os homens gostam de sexo anal;
- 4º As mulheres sabem que os homens gostam de sexo anal.

Subentendemos que:

- 1º A revista responderá, claramente, às perguntas sobre sexo anal;
- 2º As mulheres estão interessadas neste tipo de sexo, pelo fato dele agradar ao homem.

Dessa forma, observemos as FD que constituem a mulher brasileira do século XX e século XXI: machismo e feminismo. Essas FD são de suma importância para a nossa análise, pois observando O Universo de Crenças e a afirmação “**a gente sabe que ele só pensa nisso**”, o enunciador acredita e compactua com o enunciatário da crença de que:

- 1º Os homens gostam de sexo anal;
- 2º Os homens só pensam em sexo anal;
- 3º As mulheres querem agradar os homens.

Essas crenças levam a mulher a preocupar-se com o sexo anal, “**Sexo anal: respostas nuas e cruas para dúvidas e medos**”, transmitindo a idéia de como é importante para a mulher tirar suas dúvidas e superar os seus medos, para que assim possa agradar aos homens. Não se questiona se a mulher gosta ou não gosta de sexo anal, ressalta-se o prazer masculino.

Dessa forma, podemos verificar como a revista se utiliza do Universo de Crenças<sup>28</sup>, usando o que convém e descartando o que não aguça a vontade de conhecimento da mulher, rompendo um tabu e vendendo a idéia de que a mulher saberá tudo sobre o sexo anal que tanto os homens gostam e pensam.

Assim, constatamos duas FD bem nítidas: feminismo x machismo.

A FD feminista pode ser observada no enunciado **“Sexo anal: respostas nuas e cruas para dúvidas e medos (a gente sabe que ele só pensa nisso)”** quando aparece esclarecendo dúvidas femininas em relação ao sexo, abordando, de maneira clara e direta, a questão de sexo que até o começo do século XX não podia sequer ser comentada, tanto mais mostrar o interesse da mulher em saber mais sobre esse assunto, principalmente em uma revista que circula por todo Brasil e em todos os lugares, das casas de família aos consultórios médicos.

Já a FD machista não aparece marcada no texto, mas podemos subentendê-la ao analisarmos o enunciado quando diz que os homens só pensam em sexo anal. O enunciado não leva em consideração o desejo da mulher por esse tipo de sexo, fica clara a preocupação feminina em agradar o homem, postura tipicamente machista, uma vez que a mulher-indivíduo dá espaço para a mulher-objeto.

Assim, a FD que predomina nessa proposição é a idéia de uma mulher que pode superar os seus medos, tirar suas dúvidas e, dessa forma, satisfazer o grande desejo masculino de sexo anal. Nessa proposição, elimina-se qualquer outra FD: catolicismo (sexo feito para procriação), anatomo-fisiológica (ânus<sup>29</sup> é um órgão apenas para eliminar excrementos e não para ter prazer) só para citarmos algumas. Percebemos, assim, uma FD machista que mostra a preocupação da mulher em satisfazer o homem, apesar de, também, estar rompendo tabus e aprendendo mais sobre sexo.

---

<sup>28</sup> Não sabemos se houve uma pesquisa que comprovasse que homens só pensam em sexo anal, ou se fez uma generalização que serve apenas para despertar a curiosidade feminina, propondo a ruptura de um tabu. Consideramos desta forma que não foi feita nenhuma pesquisa e que a afirmação se baseia no Universo de Crenças.

<sup>29</sup> Não queremos entrar na parte fisiológica de funções anatômicas e biológicas do ânus, já que isso não entra em nosso questionamento.

A FD que poderíamos considerar feminista (por tratar de maneira tão simples um tabu para a sociedade machista) é suprimida pela FD Machista que mostra o interesse da mulher pelo **sexo anal**, justamente para servir ao homem, pois também mostra como as mulheres não sabem muito a respeito de sexo anal e como elas têm seus medos: **Sexo anal: dúvidas e medos.**

Há uma luta clara de FD: de um lado a feminista que quer romper os tabus e saber mais sobre sexo e de outro lado uma FD Machista quando aparece entre parênteses **“(a gente sabe que ele só pensa nisso)”**. O que devemos nos perguntar é se realmente as mulheres estão interessadas em saber sobre esse assunto, questionando seus medos e dúvidas ou se estão, apenas, querendo saber mais sobre sexo anal para melhor satisfazer os homens, já que “eles só pensam nisso”.

Assim como dissemos acima o que podemos verificar aqui são duas formações discursivas: a machista e a feminista. Uma que considera a mulher concretizadora dos desejos masculinos, outra feminista que mostra que a mulher rompe paradigmas impostos pelas instituições religiosas e machistas. **Sexo anal: respostas nuas e cruas para dúvidas e medos (a gente sabe que ele só pensa nisso)**

Através dessa reflexão, percebemos como a mídia (no nosso contexto revista) é a grande indústria da cultura, pois cria, isto é, introjeta personagens, atitudes, ideais, valores, impondo papéis a serem representados pelos indivíduos dentro de uma mesma sociedade.

Observamos que a mulher, embora tenha conquistado direitos como o de não ser devolvida ao pai, poder cobrar a fidelidade do marido (tendo o direito de por alguma razão também trair o marido), ser dona do seu corpo (tendo liberdade não só para usar contraceptivos, como também para abortar em determinadas situações), exigir prazer nas relações, por exemplo, ainda se preocupa com o homem (ideologia machista), importando-se em satisfazê-lo, já que o considera elemento essencial em sua vida. A mulher não questiona o que sente, o porquê do sexo anal, interessa-se

muito mais em saber como fazer e dar prazer e, nos dias atuais, em também ter prazer, já que o prazer feminino é outra exigência da sociedade moderna.<sup>30</sup>

Assim, podemos observar que houve diversas mudanças não só conceituais, mas também ideológicas ao longo dos séculos, mas que ainda nos resta uma FI machista presente, introjetada não só nos homens, mas também nas mulheres. Observemos a reflexão de Costa<sup>31</sup>, em seu artigo<sup>32</sup>: há uma variação histórica da idéia de sexo, do século XVIII até hoje, no pensamento médico, filosófico e político, apresentando-nos um panorama sobre a óptica de Laquer<sup>33</sup>, que nos relata as diversas concepções sobre as diferenças do sexo e do gênero. Segundo ele, Laquer começa mostrando-nos como a medicina ocidental do século XVIII concebia a sexualidade humana: o modelo do sexo único. Depois, o modelo filosófico, um modelo neoplatônico de Galeno<sup>34</sup> que via a mulher como um ser invertido e inferior. Invertido, por possuir seus órgãos sexuais para dentro e, inferior, por que era considerada um homem imperfeito, que não possuía nem força e nem a intensidade do calor vital.

No final do século XVIII, as concepções começam a mudar e os revolucionários europeus começam a justificar a desigualdade entre homens e mulheres, tornando essas concepções compatíveis com os ideais igualitários republicanos: eles diziam que todos os homens eram iguais, embora as mulheres fossem mentalmente frágeis e infantis, não podendo por isso executar as tarefas intelectuais, científicas ou políticas dos homens. Nessa época, as mulheres não eram mais consideradas “imperfeitas”, apenas diferentes. Foi a partir desse momento que o sexo deixou de ser sinônimo de aparelho gênito-reprodutor e passou a elencar propriedades que seriam definidas por suas relações com os comportamentos morais, ou seja, os homens deveriam ter um tipo de prazer

---

<sup>30</sup> Não entraremos nesta questão.

<sup>31</sup> Jurandir Freire Costa é psicanalista e professor de medicina social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É autor de, entre outros, “Sem Fraude nem Favor” e “Razões Públicas, Emoções Privadas”.

<sup>32</sup> “O sexo segundo Laquer” de 25 de março de 2001. Folha de S. Paulo Mais!

<sup>33</sup> Thomas Laqueur é professor de história da Universidade da Califórnia e autor do livro *“Inventando o Sexo – Corpo e Gêneros dos Gregos a Freud”* ed. Relume-Dumará.

<sup>34</sup> Claudio Galeno foi médico e filósofo grego (130-201) e teve grande fama por seus estudos de anatomia, fisiologia, patologia e terapia. (in [www.sapere.it](http://www.sapere.it)).

sensual, uma conduta social e uma vida emocional e as mulheres, outro tipo. Cada um devia se adequar à sua natureza biológica para não estar fora dos padrões estabelecidos e, portanto, para não serem considerados “doentes”, anormais.

Ele nos mostra que para Laquer o importante é “observar que a realidade do senso comum ou da ciência é um produto da sensibilidade dos instrumentos científicos e da sensibilidade de nossas crenças, desejos e interesses culturais”

Mas foi no final do século XIX que as ciências médicas definiram lugares e papéis claros e diferentes para cada gênero. A mulher burguesa era mãe por natureza e tinha seus desejos sexuais orientados e limitados devido ao seu papel de mãe. Nasciam para o casamento e para serem fiéis, não se preocupavam com os prazeres sensuais, sua felicidade se concentrava na felicidade de sua família e, para tal, eram capazes de qualquer sacrifício.

Assim, Kehl<sup>35</sup>, em um artigo<sup>36</sup>, reflete sobre a mulher hoje, após várias mudanças:

Pensar a diferença como **não-complementar**, desata o nó que condicionava à sexuação, às funções procriativas e faz reconhecer as mulheres como seres de linguagem e cultura. Em consequência, percebemos que a constituição dos chamado gêneros é feito de práticas discursivas, independentes da anatomo-fisiologia do sexo. Com isso, a sexualidade começa a escapar da esfera dos saberes que, na modernidade, visavam a apoiar sobre o sexo uma verdade normatizadora do comportamento. No início de um novo milênio, a pergunta é: que outros discursos se produzirão, para que a sexualidade não seja capturada pelas leis do mercado?

O nosso segundo enunciado a ser analisado: **“Sucesso na carreira e regras básicas para jogar como homem e vencer como mulher”** não apresenta dêiticos

---

<sup>35</sup> Maria Rita Kehl é psicanalista e ensaísta, autora, entre outros de “Deslocamentos do Feminino” e organizadora da coletânea “Função Fraternal”.

<sup>36</sup> “O sexo segundo Laquer” de 25 de março de 2001. Folha de S. Paulo Mais!

marcados, embora saibamos que o enunciatório esteja dirigindo-se ao seu público alvo (TU), feminino que quer “vencer na vida”<sup>37</sup>.

Dessa forma, podemos dizer que temos um EU: revista e um TU: leitor (implícitos, mas facilmente reconhecíveis). A revista chama atenção das mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho, dizendo que deverão “jogar como homens”<sup>38</sup>.

O EU dirige-se a um TU feminino, inserido num mundo capitalista, em que o dinheiro é fundamental para a sobrevivência. Esse TU está inserido no mercado de trabalho e enfrenta todas as suas agruras da competitividade ao preconceito, visto que só há poucos anos a mulher obteve o direito de exercer a sua cidadania, votando, indo à faculdade e não necessitando da autorização do marido para ser contratada no emprego.<sup>39</sup>

O EU representado pela revista mostra ser conhecedora de regras que podem ajudar as mulheres a subirem na carreira, inferindo que elas têm mais problemas para obterem sucesso na carreira do que os homens, uma vez que, como mostramos anteriormente ela está nesse patamar há menos de 100 anos. A revista insinua que os homens, no ambiente de trabalho, agem de maneira diferente, fato que os coloca em vantagem em relação às mulheres e atrapalha a ascensão delas na carreira.

Assim, devido ao EU conhecer o mercado de trabalho e estar se dirigindo às mulheres (TU) que possuem carreira própria e querem ser valorizadas tanto quanto os homens, estabelece-se uma relação de

Conhecedor	X	Não conhecedor
(revista)		(leitor)

---

<sup>37</sup> Leia sucesso na carreira, com os mesmos direitos que os homens no mercado de trabalho.

<sup>38</sup> Questionaremos esta proposição na análise da FD deste enunciado.

<sup>39</sup> Observar a lista de conquistas das mulheres nos últimos 100 anos.

Dessa forma, constatamos que o valor ilocutório desse enunciado é o de despertar o interesse da leitora que trabalha fora de casa, mostrando que há regras básicas para se obter sucesso na carreira (regras que pertencem ao universo masculino e que as mulheres no geral não conhecem), o que faz com que os homens continuem dominando o mercado de trabalho mesmo depois das várias conquistas das mulheres.

Assim para analisarmos as FD, e conseqüentemente os pressupostos e subentendidos presentes no enunciado em questão, faz-se necessário observarmos Cunha (in Romero, 1995: 200-201) que pede para voltarmos no tempo e verificarmos o papel da mulher de ontem e de hoje. Cunha mostra-nos que a mulher no passado<sup>40</sup> foi coroada a “rainha do lar”, transformando-se em escrava do lar, ou seja, definida em função da procriação e do lar, sempre subordinada ao marido. Ele nos dá um exemplo muito pertinente:

Embora rareando, ainda aparecem em jornais diários anúncios como este ‘Viúva aflitíssima pede auxílio a corações bondosos’. Viúva não significa nesse passo, um estado civil, mas uma condição social: ela é viúva e, por isso, um ser material e psicologicamente desamparado, alguém a quem faltaram amparo e ganha-pão. Reduzida a objeto sem vida própria, só existia por meio do marido, só a referiam como mulher dele, parte dele. Mas a chamada ‘mulher independente’, vivendo com os filhos e/ou companheiro, também sofre ausência de descanso: porque, ao lado do trabalho profissional, tem por sua conta grande parte das tarefas caseiras.

Verificamos, assim, por meio da história uma sociedade conservadora, em que as mulheres foram socializadas, educadas a crer que não são boas o suficiente para serem autônomas como os homens. Hoje, embora as enormes mudanças que ocorreram tenham transformado não só a sociedade, como também a educação, percebemos que ainda existem muitas mulheres que acreditam precisar de um homem tanto financeira, quanto emocionalmente, realizando-se como mães e donas de casa, projetando-se no sucesso marital e filial.

---

<sup>40</sup> É extremamente difícil separarmos aqui o que é passado ou o que é presente, visto que há ainda hoje mulher coroadas “rainhas do lar” que vivem para o marido e filhos, seria mais fácil separarmos da seguinte forma Trabalhadoras X Donas de Casa.

Assim, observamos que, embora existam mulheres que agem como no século passado, percebemos que há também as que foram à luta e deram seu grito de independência. Temos consciência de que existem, hoje, estes dois tipos de comportamentos:

#### Dona-de-casa<sup>41</sup> X Profissionais (Trabalhadoras)

Dessa forma, percebemos que as donas-de-casa encaixam-se dentro dos padrões ideológicos machistas, vivendo para cuidar dos filhos e do marido, sem vida própria e as profissionais dentro da ideologia feminista, igualando-se aos homens.

É necessário ressaltarmos, portanto, que a ideologia “machista”, embora com raízes mais fracas, ainda perdura, visto que há repressão tácita, tanto que o enunciado diz para as mulheres agirem como homens.

Podemos pressupor, então, que as mulheres que queiram vencer em suas carreiras devam agir como homens, assumindo a postura masculina, já que o enunciado ressalta que a regra básica é **jogar como homem**, agindo de acordo com os parâmetros cristalizados socialmente pela sociedade machista que vigora até hoje.

Este é um enunciado que deixa transparecer de forma clara a formação discursiva machista, já que considera que a mulher não pode vencer na carreira profissional se agir como mulher. Essa postura é facilmente compreensível se nos voltarmos para a história, visto que a mulher sempre foi criada para cuidar de casa, do marido e dos filhos e jamais competir com o sexo masculino. Tanto que Reed (in Franchetto, 1981: 23) afirma:

---

<sup>41</sup> Não entramos no mérito de que a dona-de-casa também trabalha, o paralelo estabelecido é o da mulher que trabalha fora de casa, é remunerada e compete com homens e mulheres para ascender em sua carreira profissional versus a mulher que se encontra no âmbito familiar, não remunerada e que não compete com os homens por um lugar no mercado de trabalho.

A família patriarcal e, posteriormente, a família nuclear burguesa, com a privatização do domínio doméstico, circunscrevem estreitos limites à função feminina, impedindo a mulher de realizar-se como indivíduo, o que só pode ocorrer na produção e no mercado de trabalhadores livres. (apud Romero:75)

Podemos perceber, assim, nitidamente, posições bem diferentes para a representação dos papéis femininos e dos papéis masculinos em nossa sociedade: o homem, sempre forte dominador, conquistador do mundo, poderoso e público; a mulher considerada o sexo frágil, submissa. Ela, extremamente emocional, e ele racional, sempre divididos como dois pólos distintos, pois se espera que os homens sejam fortes, independentes, agressivos, competitivos e dominantes, já as mulheres, a expectativa é de que sejam mais dependentes, sensíveis, afetuosas e que suprimam impulsos agressivos e sexuais.

Assim, subentendemos que as regras masculinas para a mulher vencer na carreira sejam:

1. dominação
2. razão
3. força
4. independência
5. competição
6. Agressividade

Houve uma mudança nos papéis. Hoje, também, temos uma outra pressão, uma outra força que luta para destruir qualquer vestígio do machismo, que vai além da necessidade econômica da presença da mulher no mercado de trabalho. Essa força é o feminismo, que incentiva a libertação da dependência e da subordinação da mulher. Esse foi um movimento que surgiu em defesa dos direitos da mulher, lutando pela igualdade entre os sexos.

Dessa maneira, podemos subentender que a mulher, sob a visão da revista, tem comportamentos diferentes dos comportamentos dos homens, embora as

mulheres tenham rompido com regras impostas culturalmente como: casar, cuidar da casa, do marido, pensar no bem-estar da família (sem se preocupar com a própria felicidade, sem associar a sua felicidade à felicidade dos que a cercavam), elas, ainda assim, agem como mulheres e não como homens, postura que as desfavorece, já que o mercado de trabalho requisita a postura masculina.

Essas mudanças foram absolutamente constatáveis e gradativas, basta observarmos a revolução social que houve entre 1945-1950: A mulher entrou no mercado de trabalho, entrou na educação superior, abrindo, assim, mais uma porta, ou seja, mais um acesso às profissões liberais. Em 1960, houve um reflorescimento dos movimentos feministas e as mulheres tornaram-se também uma força política. Essa revolução social influenciou não só os papéis desempenhados pelas mulheres, mas também as expectativas delas em relação a si mesmas e ao mundo, tanto que Friedan faz uma observação (apud Hobsbawen 1993:311): “a mulher pode combinar carreira ou emprego com casamento e família”.

Assim podemos levantar duas FD neste enunciado “**Sucesso na carreira e regras básicas para jogar como homem e vencer como mulher**”:

#### Machismo x Feminismo

Uma FD machista é vista quando o EU afirma ser necessário jogar como homem para vencer como mulher, subentendemos, portanto, que o enunciado diz:

1. Há diferenças entre homens e mulheres;
2. Uma mulher pode obter sucesso na carreira se agir como homem;
3. Os homens são melhores que as mulheres e, portanto, elas precisam agir como eles para que tenham a chance de vencer como mulher (condição que já a coloca em desvantagem).

Tudo isso vem mostrar a mudança do papel feminino na sociedade, atestando essa voz machista em nosso enunciado “**agir como homem e vencer como mulher**” é como se os homens com seu perfil, habilidades e história tivessem

diferenças no agir no mercado de trabalho, postura, aqui, que é considerada ideal, desvalorizando a postura e o perfil femininos, subentende-se que a mulher tem que se masculinizar (não a aparência, mas a postura para vencer no trabalho). Como diz Elaine Romero (1995: 237):

Adaptada desde a infância ao ambiente do lar e ao discurso ideológico da submissão, a mulher ocupou-se o tempo todo sem criar, sem produzir. E num meio doméstico culturalmente pobre, sem exigências de exercício da mente, a inteligência sem receber desafios, acaba por não responder, ficando embrutecida e limitada. É o que convencionei chamar corpo reprimido - inteligência aprisionada. Contudo, a mulher vem procurando ganhar espaço num mundo sexualmente diversificado. A última parte destaca o crescente movimento das mulheres em luta pelo espaço do conhecimento.

Dessa forma, percebemos um embate entre o estereótipo da dona-de-casa e a executiva do mundo globalizado e percebemos que o machismo está na ideologia, já que a realidade impulsiona os fatos para um outro lado. Instaurou-se, definitivamente, a independência da mulher, pois o trabalho transformou as mulheres e, nas últimas décadas, o desemprego começou a ameaçar as famílias, enquanto os homens ficaram em casa, mergulhados na depressão, as mulheres foram para a vizinhança vender “empadinhas”, depois foram estudar e entraram no mercado de trabalho. As mulheres não haviam sido preparadas para enfrentar o mercado, mas se mostraram inventivas e responderam aos desafios com muita rapidez. Outro fato que pode comprovar essa mudança é a existência cada vez menor do tipo de mulher que fica em casa, já que o casamento não é mais uma instituição eterna.

O que podemos verificar é um grande contingente de mulheres divididas entre acomodar-se e ir à luta, porque, hoje, elas já têm consciência de que a competição, o sucesso, e a auto-afirmação demandam muito trabalho e força de vontade. Percebem que há desafios diários para sobreviverem fora da “redoma de vidro” e que é preciso aprender a lidar com as pessoas e não somente com o marido, adquirindo uma dimensão de conquista universal, extrapolando o âmbito doméstico,

pois como afirma Simone de Beauvoir (apud Romero: 244): “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”

De acordo com Romero (1995:238), a criança, quando nasce, não sabe nada e é apenas a partir da sua convivência com os seres humanos e experiências que cria hábitos, condicionando formas de agir e sentir, pois como ela mesma afirma:

No projeto identificatório masculino feminino, o material que se proporciona à criança está fundamentado em dois espaços: um biológico, por meio do qual ela saberá que seu organismo é diferenciado; outro, o cultural, que cerca a criança e é com base nele que se ela aprende o valor simbólico de ter nascido homem ou mulher no seu meio (1995:240).

Atestamos que, ao nascerem, meninos ou meninas, essas crianças têm suas vidas delineadas de acordo com o seu sexo, já que os pais ensinarão comportamentos distintos e a sociedade dar-se-á ao trabalho de sedimentar ainda mais essas diferenças de comportamento.

Concluimos, dessa forma, que há uma FI machista que permeia as duas FD, instaurando um modo de agir masculino no mercado da mulher, pois percebemos uma desvalorização das características femininas, o homem age como tal e a mulher que queira ser valorizada como profissional deverá assumir a postura masculina e não criar o seu próprio perfil para competir com os homens no mundo capitalista.

O terceiro enunciado “**Você é o melhor presente erótico**” a ser analisado apresenta apenas o dêitico TU marcado, expressado pela terceira pessoa **Você**, mostrando a interação entre o locutor e o interlocutor que são respectivamente a revista e a leitora.

EU (implícito): revista

Tu (marcado): Você

Quando o Locutor enuncia **Você**, ele automaticamente chama a atenção da leitora, dirige-se diretamente a ela e, ao mesmo tempo, torna-a um referente, um objeto, mostrando que ela mesma é o **melhor presente erótico** para um homem.

Assim, percebemos o TU confundido com o objeto. Para tal, o enunciado utilizou-se da terceira pessoa **Você**, servindo como um referente, ou seja, um ser passivo, uma “coisa” da qual se fala e, ao mesmo tempo, interagindo no papel de TU, como pessoa do discurso. Dessa forma, o pronome de tratamento **Você** é usado no lugar de TU e, ao mesmo tempo, é uma referência.

O **Você**, nesse caso, é ambíguo porque representa dois papéis o de interlocutor (TU) e o de referente (ELE), objeto. O “você–interlocutor” representa o TU que, no enunciado em questão, são as leitoras da revista, que querem presentear alguém<sup>42</sup>. Esse TU quer seduzir alguém e a revista propõe que a própria leitora, então, seja o **presente erótico** para seduzir o alvo de TU. O “você–objeto” tem um predicativo do sujeito: é o melhor presente erótico, transformando o dêitico TU em um dêitico ELE, “coisificando” a leitora, tornando a mulher um objeto, ou seja, “mulher- objeto” do prazer masculino. Aqui, a intenção da revista fica clara, mostrando que, dentre todos os presentes, que a mulher possa dar ao homem, ela é o melhor, transformando-se em ser que interage com o homem, dando prazer e tendo prazer, para um mero objeto sexual. A revista ressalta, assim, a erotização do corpo feminino, considerando-o arma de sedução, cujo intuito é agradar ao homem, colocando-se à mercê dos desejos e fantasias masculinas. Medina (1987) (Apud Romero:16) critica essa postura :

(...) de uns tempos para cá, no Brasil, começa surgir uma explosão de discursos e propagandas que procuram induzir as pessoas a determinadas práticas corporais e certos comportamentos em relação aos seus corpos... O autor procura deixar claro que o corpo não pode ser visto, como faz a lógica capitalista, como um simples objeto de produção consumo, ou seja, uma máquina, como entende o modelo biomédico...

Percebemos, assim, a vontade de agradar ao homem, sendo a mulher o melhor presente e pela análise dessa vontade de colocar o homem em primeiro lugar que nos leva a refletir sobre o ato ilocutório de tal enunciado, uma vez que dentro do contexto atual essa idéia de mulher-objeto vai de encontro a terceira onda

---

<sup>42</sup> Não podemos definir que tipo de pessoa a leitora quer presentear.

feminista dos anos 90 descrita por Natalie Angier<sup>43</sup> que mostra como a mulher é considerada símbolo sexual e, conseqüentemente, pressionada a seguir um modelo de beleza e sexualidade, imposto pela mídia. Ela nos dá uma vasta bibliografia que estuda esse fenômeno nos dias atuais<sup>44</sup>.

Desta forma, por este enunciado subentendemos que o homem exerce um papel mais importante do que a mulher e esta fica com o papel submisso de “coisa”. A FD discursiva que percebemos aqui é machista e tem suas raízes na história, pois a mulher sempre foi criada para seguir as ordens dos homens, primeiro dos seus pais depois dos seus maridos, criadas para satisfazerem os homens. Rosely Sayão (in Folha de São Paulo<sup>45</sup>) mostra muito bem a ideologia de hoje:

Há ainda o problema, também herdado da educação, como o machismo, de as garotas pensarem que o mais importante na vida é arrumar um relacionamento afetivo." Companhia é legal, mas não é o mais importante, diz. E mais: se a menina fizer tudo para ter e manter o namorado, vai se perder, e aí o relacionamento acaba mesmo. É por isso, diz Zuleika, que ainda existe o maníaco do parque ou as mulheres ainda apanham dos maridos, denunciam na hora da dor e três dias depois vão à delegacia retirar a denúncia. "Elas nunca pensam que podem até lavar chão, mas não precisam voltar para o homem que lhes deu um bofete e continuar escravas deles", lamenta. Ela reconhece que a mulher é resultado da educação que recebe, da hierarquia da dominação masculina, um sistema milenar.

Mas antes de observarmos a FD, faz-se necessário observarmos as Formações Imaginárias formadas a partir deste enunciado:

---

<sup>43</sup> **Natalie Angier** escreve sobre ciências no "The New York Times". Seu livro mais recente é "Mulher" (Editora Rocco). O texto acima apareceu, originalmente, no "The New York Times Book Review". Tradução de **Clara Allain**.

<sup>44</sup> "O feminismo passa por um momento inicial de reavaliação, como nos estudos de Susan Faludi, "Backlash - The Undeclared War against American Women" (Recuo - A Guerra Não Declarada contra as Mulheres Americanas, 1991), "Personas Sexuais" (1990), de Camille Paglia, e "Fogo com Fogo" (1993), de Naomi Wolf. Num segundo momento, o feminismo assume a luta contra a exploração da mulher como símbolo sexual e como vítima de um modelo feminino criado pela moda e pela mídia. São exemplo disso as publicações "Against Pornography - The Evidence of Harm" (Contra a Pornografia - A Prova do Mal, 1994), de Diana Russell, e "Unbearable Weight - Feminism, Western Culture and the Body" (Peso Insuportável - Feminismo, Cultura Ocidental e o Corpo, 1993), de Susan Bordo. O terceiro momento é o surgimento do feminismo juvenil, expresso no movimento que se autodefine como o das "Bad e Riot Girls". (Folha de São Paulo, 15 de outubro de 2000.).

<sup>45</sup> Especial MULHER: Igualdade é ter liberdade para escolher, por Fátima Gigliotti, da reportagem local.

O EU ( a revista) faz uma imagem do seu TU, que nesta enunciação, é a imagem de um Tu sensual que quer presentear um homem, quer agradar o homem da melhor maneira possível.

O TU coloca-se conhecedor das diversas formas de agradar o homem e, por isso, sugere que a mulher seja o melhor presente erótico para um homem, visto que nada o agrada mais do que a própria mulher.

Estabelece-se, assim, uma relação de:

Conhecedor da arte de seduzir X Interessado na arte da sedução  
(EU) (TU)

Dessa forma, percebemos o valor ilocutório de mostrar para a mulher que ela pode ser uma arma sedutora, pois ao entregar-se ao homem como um presente, ele ficará muito feliz.

Podemos, assim, pressupor do enunciado em questão que:

1. A mulher pode ser um presente erótico ao homem;
2. A mulher é o melhor presente erótico para um homem;
3. Há outros presentes eróticos que as mulheres podem dar aos homens;

Podemos subentender que:

1. Homem gosta de mulher;
2. A mulher gosta de agradar ao homem;
3. A entrega da mulher excita o homem, visto que ele a considera o melhor presente erótico.

Assim, indiscutivelmente, percebemos uma FD machista predominante, já que a preocupação, nesse enunciado, é o prazer masculino.

Atualmente, os estudiosos do papel da mulher na sociedade preocupam-se e questionam a postura feminina, usando a sedução como arma, sedução essa que dá lugar ao esfacelamento do real tornando-se, assim, uma preocupação que ronda as reflexões filosóficas e morais em todos os tempos históricos. Podemos comprovar de acordo com Flávio Gikovate<sup>46</sup> que afirma:

Do ponto de vista da sexualidade, a mulher tem mais poder que o homem, mas se as garotas querem ter um crescimento pessoal legal, elas têm de parar de usar a sexualidade como uma arma de poder e transformá-la em instrumento de prazer<sup>47</sup>.

Mas acrescenta que isso acontece não em função dos papéis impostos pela sociedade, definindo como um e outro devem se comportar, mas como uma diferença biológica, já que os homens têm um desejo visual despertado pela visão, desejo que as mulheres não possuem, ou possuem em menor escala. Por isso a mulher solta imagens, para que os homens corram atrás, pois para a mulher a sua excitação está ligada ao se perceber desejada.

Assim, não percebemos um embate entre duas FD como nos enunciados anteriores, percebemos a predominância de FD machista, cuja intenção é a instrumentalização da mulher, tornando o corpo feminino poderoso, instrumento de dominação, não há uma preocupação com o próprio prazer, delineando, portanto, uma FI machista.

**Táticas eficientes para ter controle sobre a própria vida. E acabar com o stress, a falta de dinheiro, a solidão amorosa** assim como o enunciado anterior, não apresenta dêiticos marcados, embora saibamos que o enunciador, a revista, esteja dirigindo-se ao seu público alvo (TU), feminino, brasileiro e insatisfeito com alguns aspectos da vida pela falta de controle sobre a própria vida.

Dessa maneira, percebemos os dêiticos implícitos: o EU revista e o TU leitor, que não está satisfeito, seja por estar estressado, seja por não ter dinheiro suficiente

---

<sup>46</sup> Flávio Gikovate é psiquiatra, psicoterapeuta e escritor.

<sup>47</sup> Folha de São Paulo, MULHER, 08 de março de 1999. "Sexo é instrumento de prazer e não poder"

ou por não ter um relacionamento adequado, sente-se sem controle sobre a própria vida, pois como observa Romero (1995:254):

No Brasil e também em toda a América Latina, as mulheres são socializadas de modo a crer que não são fortes e nem autônomas tal qual seus companheiros do sexo oposto. Acreditam na sua dependência (financeira e emocional) e na sua realização como mães e donas de casa. Esse comportamento remonta ao século passado quando a mulher, como dona de casa, não fazia nada por si mesma (...) Já na virada deste século a mudança dos papéis socialmente delineados ainda pode representar uma ameaça, em especial quando as mulheres que a competição, o sucesso e a autoafirmação não são fáceis de alcançar exigindo crescimento, trabalho árduo e talvez uma considerável dose de estresse, embora, do outro lado da corda, esteja o grupo feminista procurando incentivar a libertação da dependência, da subordinação, que por sinal é muito forte.

O EU (revista) interage com um TU feminino, que não está satisfeito, visto que está estressado e não consegue controlar a própria vida. Esse TU precisa de dinheiro para viver e nem sempre tem o suficiente e, também, não tem um relacionamento satisfatório, percebemos assim que o TU é independente, mas não tem o controle que deseja sobre a própria vida. Esse TU representa as mulheres independentes ou querem independência e que, por falta de conhecimento, não sabem como agir para controlar a vida.

O EU, representado pela instituição Abril, mostra que tem ciência dos problemas que o seu público (TU), prometendo, assim, ensinar formas de agir realmente eficazes para que a sua leitora fique melhor.

O EU e oferece um conhecimento, **táticas eficientes**, que as leitoras não sabem para controlar a própria vida, este EU conhece essas **táticas** para as mulheres saberem controlar a vida, desde o aspecto financeiro ao aspecto amoroso uma vez que as mulheres como mostra Siebert<sup>48</sup> (in Romero:15) “As brasileiras são

---

<sup>48</sup> Raquel Stela de Sá Siebert é membro do Núcleo de Estudos Pedagógicos de Educação Física do Centro de Desportos da UFSC.

cada vez mais numerosas nas escolas, no mercado de trabalho e no comando das famílias. Estão carregadas de responsabilidades.”

Assim, podemos dizer que aqui se estabelecem várias relações:

Conhecedor (de táticas eficientes) (revista)	X	Não conhecedor (não sabe controlar a própria vida) (leitora)
-------------------------------------------------	---	-----------------------------------------------------------------

Controle de vida (táticas da revista)	X	falta de controle da vida (leitora)
------------------------------------------	---	----------------------------------------

Dessa forma, constatamos que o valor ilocutório desse enunciado é o de mostrar para a mulheres maneiras melhores e mais eficientes de levar a vida ficando menos estressadas, ganhando mais dinheiro e encontrando um grande amor. Há, portanto, uma promessa implícita, que Searle chama de ato compromissório, comprometendo o EU a uma conduta futura que, nesse caso, é o de mostrar no artigo em questão, as formas que TU pode adotar para gerenciar a própria vida.

Pressupomos assim que:

- 1º Há maneiras de controlar a própria vida;
- 2º Há formas de não se estressar;
- 3º Há meios de se ganhar mais dinheiro;
- 4º Há formas de conquistar um grande amor;
- 5º A revista sabe “táticas” para a mulher controlar a própria vida;
- 6º A leitora não conhece estas táticas;
- 7º A leitora não tem controle sobre a própria vida;
- 8º A leitora está estressada e/ ou com falta de dinheiro e/ou sozinha.

Subentendemos que:

- 1º A leitora quer uma vida mais saudável, com menos estresse;
- 2º A leitora quer não ter problemas de dinheiro;
- 3º A leitora quer amar e ser amada e não um provedor;
- 4º A leitora não sabe controlar a própria vida;
- 6º A revista sabe como resolver os problemas da leitora.

A partir deste pressupostos e subentendidos, observamos a FD desse enunciado que é FD Feminista, incentivando a independência da mulher e mostrando que, embora ela possa estar passando por algumas dificuldades, pode manter essa independência, controlando a sua vida. Podemos dizer que é uma FD Feminista, pelo fato de ela ir de encontro a FD Machista, cuja essência é a dependência e a submissão femininas. Nesse enunciado, o que percebemos é uma ideologia que não concebe a mulher-submissa e promove a mulher que está lutando para controlar a própria vida.

Dessa forma, essa FD feminista rompe com os comportamentos definidos pela ideologia machista, em que a mulher é dependente e só pode realizar-se no ambiente doméstico. Esse enunciado revela a sua emancipação, portanto, selecionamos alguns exemplos para atestarmos essa emancipação feminina que avança dia-a-dia:

No quesito casamento, a realidade atual mudou definitivamente. Podemos observar a diferença de condições da mulher de hoje e da mulher de 15 anos atrás. Verificamos uma abertura maior no leque de opções de vida da mulher, podemos citar, como exemplo, a conquista ao direito de escolha: casar ou não casar, pois antes a mulher não tinha opções de escolha, já que, se não se casasse, era ridicularizada pela sociedade como mulheres com quem ninguém queria se casar, sem valor, eram as chamadas “solteironas” ou “titias”. Agora, a segunda opção quando a tinham era a de se casar e seguir as ordens e vontades dos maridos, mantendo o casamento a qualquer custo, já que ser divorciada era uma vergonha e talvez a pior condição em que uma mulher poderia se encontrar, tanto que vulgarmente algumas mulheres com mais idade dizem: “Ser viúva é a melhor coisa.

(condição)” Vimos assim, a mudança de paradigma de forma bem nítida tanto que o psiquiatra Cuschnir (1994:21) afirma:

A organização declinou, e a mulher passou a também a desempenhar um papel condutivo e de maior hierarquia;

- o fenômeno urbano e tecnológico ampliou o leque de recreação e de vida emocional fora do núcleo familiar, aumentou o anonimato e diminuiu o controle social;
- Algumas responsabilidades que antes eram exclusivas da família foram assumidas pelo Estado;
- Diminuição dos matrimônios.

No âmbito financeiro, algumas estatísticas da revista Veja<sup>49</sup> demonstram que as mulheres detêm o poder de compra, ou seja, são responsáveis pela maior parte do comércio em geral e têm grande influência nas decisões de compras de sua família, não apenas no Brasil como no mundo.

Entretanto, faz-se necessário ressaltar uma FD Machista neste enunciado porque, a priori, não podemos perceber esta FD, mas se observarmos a “promessa” do enunciador “**táticas eficientes para ter controle sobre a própria vida**”, notaremos que a revista acredita que as mulheres não sabem controlar a própria vida e que por isso é pertinente ensinar **táticas eficientes** a elas.

Portanto, essa crença de que a mulher não tem controle sobre a própria vida é conseqüência de uma FD Machista, que acredita na inferioridade da mulher e na falta de capacidade para gerir a própria vida, necessitando, assim, de um homem ou de aprender **táticas** para manter o controle sobre a própria vida.

Diante disso, percebemos uma relação de causa e conseqüência, uma vez que a causa dos problemas femininos é a falta de controle sobre a própria vida e a

---

<sup>49</sup> Publicação Especial Mulher, p.90

conseqüência é uma vida com estresse, sem dinheiro, que apenas pode ser solucionada com utilização das táticas prometidas pela revista NOVA.

Desse modo, percebemos o seguinte embate:

FD feminista	X	FD machista
(acredita na capacidade mulheres)		(acredita que as mulheres não das sabem manter o controle sobre a própria vida)

Concluimos, assim, que o enunciado: **Táticas eficientes para ter controle sobre a própria vida. E acabar com o stress, a falta de dinheiro, a solidão amorosa**, embora apresente uma FI machista, é formado por uma FI feminista, igualando homens e mulheres, uma vez que o enunciado mostra que as mulheres estão querendo controlar a própria vida, fato que reflete no interesse feminino de aprender a agir no mundo, lidando com o estresse, procurando formas de ganhar dinheiro, buscando um amor e não mais um provedor. Cardoso<sup>50</sup> observa em artigo na revista Veja<sup>51</sup>:

no âmbito privado, a mulher conquistou sua ida no mercado de trabalho, criou nova relação de igualdade no ambiente familiar e passou a exercer seus direitos reprodutivos,

ou seja, muitos direitos já foram conquistados pelas mulheres que lutam pela igualdade entre os sexos.

Assim, podemos afirmar que o enunciado analisado acima, embora contenha uma FI machista, apresenta em sua totalidade uma FI feminista que suprimiu a FI machista, promovendo a independência feminina.

---

<sup>50</sup> Ruth Cardoso é presidente do Conselho do Comunidade Solidária.

<sup>51</sup> Especial Mulher, p.76.

**“Obesidade e preconceito na carreira. Nossa repórter investiga a nova ameaça e responde: será que quilos a mais significam oportunidades a menos?”**, este é o quinto enunciado que analisaremos.

Nesse enunciado, podemos observar, como na maioria dos outros enunciados, um EU e um TU implícitos.

O EU, que representa a revista NOVA, apresenta-nos a sua repórter (ELE), mostrando que essa repórter fez uma investigação para obter informações sobre o risco da obesidade atrapalhar a carreira das mulheres<sup>52</sup> com quilos a mais.

Portanto, podemos dizer que há um Eu implícito que representa a revista e que se refere a um dos seus colaboradores, apresentando-o ao TU. Esse referente é uma **repórter** da revista que faz uma investigação para informar melhor o TU. Essa investigação validará a informação, uma vez que ELE, ou seja, nossa repórter, investigou os fatos.

**Nossa repórter**, de acordo com Benveniste é uma terceira pessoa, portanto tratada como uma não-pessoa, sendo, apenas, um referente por não interagir com o TU.

O TU neste enunciado é a leitora da revista que está inserida no mercado de trabalho e que se preocupa com os fatores que possam prejudicá-las profissionalmente.

Podemos, assim, observar algumas antecipações:

O Eu diz ao TU feminino que está inserido no mercado de trabalho no Brasil e que se preocupa, de alguma forma com os quilos a mais, principalmente se estes

---

<sup>52</sup> Observamos ser a carreira da mulher, visto o TU ser feminino

puderem afetá-lo profissionalmente, já que há preconceito contra a obesidade. Observe um estudo feito pelo laboratório Roche<sup>53</sup>:

**Custos Pessoais e Profissionais:**

A imagem distorcida que a sociedade faz do obeso, responsabilizando-o e somente a ele pelo excesso de peso, como se isso fosse um desvio de personalidade, acabam acarretando dificuldades também no âmbito pessoal e profissional, que vêm a se somar com outras igualmente preocupantes: Aumento nos dias de licenças médicas; incapacitação ;aposentadoria prematura; perda de emprego; queda da renda mensal; recusa de emprego; queda da qualidade de vida; morte prematura; diminuição das perspectivas de relacionamento social.

A queda na qualidade de vida é uma das principais queixas dos obesos.

Portanto, podemos perceber que tanto o EU quanto o TU são sujeitos que valorizam a aparência física acham-na importante para a carreira<sup>54</sup>, visto que a considerarem fator essencial para o desenvolvimento profissional, principalmente feminino. Dizemos principalmente feminino pelo fato do “ser magra” ser uma exigência feita à mulher e não ao homem.

Justificamos a associação obesidade, estética e preconceito com o fato de a revista (contexto enunciativo) ser uma revista feminina que trata de estética, moda, comportamento e não de saúde, reforçando, assim, a padronização do belo feminino. Chagas (in Romero:131) mostra de forma pertinente essa padronização:

...as formas de subjetivação produzidas pela mídia que encerravam a mulher nos limites de seu próprio corpo, limites estes estereotipados pelo conceito de modelização e que se constituíam em estigmas, funcionalmente competentes para o consumo e a captura do desejo. Denúncia, de certa forma irreverente, da padronização do corpo que se quer sob medida, que se homogeneiza, serializa e normatiza, sufocando a estética em prol de um belo colocado socialmente. Sobre esse corpo feminino produzem-se os discursos unificadores de beleza e da sexualidade, negadores da diferença e da singularidade, tão caros à concepção estética do corpo.

---

<sup>53</sup> [www.rochebrasil.com.br](http://www.rochebrasil.com.br).

O EU mostra que tem ciência do que está falando, uma vez que uma de suas repórteres investigou a questão da obesidade feminina e preconceito para, depois, vir informar as leitoras. Esse EU mostra-se conhecedor da nova ameaça: **oportunidades a menos** para quem é obesa.

Dessa forma estabelece uma relação de:

Investigador X investigado

(repórter) (mulheres obesas)

A repórter, para validar a suspeita de que há preconceito contra obesas, fez uma investigação, na qual observou as obesas e o modo como são tratadas profissionalmente, para que assim a revista pudesse responder à pergunta feita por TU: **“será que quilos a mais significam oportunidades a menos?”**

Outra relação estabelecida pode ser:

Conhecedor X Não conhecedor

(revista) (leitor)

A revista deteve uma informação a partir da investigação feita por sua repórter e se propôs a passar esta informação à leitora que se interessa em saber a postura das pessoas diante de uma obesa no mercado de trabalho.

Dessa maneira, verificamos que esse enunciado tem o valor ilocutório de chamar a atenção da mulher que trabalha fora de casa e se preocupa com o corpo, mostrando a ela como um corpo fora dos padrões de beleza estipulados pela sociedade podem fazer com que ela cresça menos profissionalmente, prejudicando-a, confirmando, assim, que a sociedade tem preconceitos em relação às mulheres obesas, pois também leva em conta a forma corporal.

---

<sup>54</sup> Não abordaremos o fator obesidade e saúde, visto que há obesos saudáveis e magros sem saúde e além disso saúde é essencial para qualquer desenvolvimento, ninguém ou nenhuma empresa quer um profissional que não tenha saúde. Assim, associaremos esse preconceito à estética.

Assim podemos fazer as seguintes pressuposições a partir deste enunciado:  
**“Obesidade e preconceito na carreira. Nossa repórter investiga a nova ameaça e responde: será que quilos a mais significam oportunidades a menos?”**

1º há obesidade;

2º há preconceito na carreira contra o obeso;

3º as pessoas obesas têm menos oportunidades de trabalho e para crescer profissionalmente.

E podemos subentender que:

1º a aparência é mais ou tão importante quanto a habilidade e/ou capacidade;

2º as empresas acreditam que os obesos tenham desvantagem em relação aos magros, como: lentidão, doenças associadas ao excesso de peso e, em alguns casos, aparência;

3º há preconceito em relação às mulheres obesas;

4º cobra-se mais a padronização estética (magreza) das mulheres do que dos homens.

Assim, ao subentendemos que há um padrão ideal de estipulado pela sociedade: ser magra, considerando este “não-obeso” mais saudável<sup>55</sup>, mais produtivo e esteticamente mais agradável para o ambiente de trabalho, por exemplo.

Percebemos, assim, que a mulher além da sua capacidade profissional, necessita apresentar um padrão corporal exigido pela sociedade, cobrança que não pode ser vista para o público masculino, uma vez que um homem “gordo” é chamado de “bonachão”, simpático. Para o homem, a capacidade profissional é o que importa. Para a mulher, não, ela necessita de ter capacidade e aparência.

---

<sup>55</sup> Alguns fatores relacionados com a saúde podem ser considerados verdadeiros, uma vez que há vários estudos que associam várias doenças ao excesso de peso, mas saúde é uma condição *sine qua non* para o sucesso profissional.

O culto ao belo e a um estereótipo ideal feminino pode ser observado na mídia que exalta a mulher magra e bem delineada, fato que pode ser comprovado pelo número de demandas por intervenções cirúrgicas para se melhorar a aparência. De acordo com Buchalla e Pastore<sup>56</sup> em 2001, 350.000 brasileiros fizeram plástica para ficar mais bonitos, dentre eles a maioria mulheres.

Portanto, podemos constatar uma FD de culto ao corpo, consequência do feminismo, como nos demonstra Moura<sup>57</sup>:

... a possibilidade de se manter jovem e bonita só começa nos anos 60 e 70, quando a mulher "ganha" a pílula anticoncepcional, começa a conquistar seu lugar profissional e surgem as gerações saúde e do culto ao corpo, com todas as técnicas da cirurgia plástica e das academias a seu dispor.

Vemos, assim, uma padronização do "ideal de estética", a "magreza" e o desprezo ao que não se insere neste padrão estabelecido. Podemos observar, portanto, que este "ideal de estética" pode variar de cultura para cultura, Rodrigues(1979:75) afirma:

Na África central (...) um ideal de estética feminina que identifica a beleza com obesidade, sendo a moça, à época de sua puberdade, submetida às mais diversas técnicas, capazes de fazê-la o quanto mais gorda.

Assim, percebemos uma FD que idealiza um padrão estético e que oprime quem está fora dessa idealização, portanto é uma FD de culto ao corpo, que oprime as pessoas que estão mais gordas. Fato observado nas nominalizações: obesidade e preconceito. Estabelecendo-se, dessa maneira, a seguinte relação de opressão:

FD culto ao corpo X FD pessoas obesas

---

<sup>56</sup> Veja, 6 de março de 2002 "Corpos à venda"

<sup>57</sup> Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura, professora da USP especializada em história da mulher, (Folha de S.Paulo, Comportamento 16 de maio de 1999.

Sendo assim, essa FD de culto ao corpo transforma-se em preconceito, demonstrado por Luz<sup>58</sup>:

1. são barradas por mais da metade dos executivos
2. têm menos chances no mercado de trabalho que ex-presidiários
3. recebem salários 24% mais baixos que as magras na mesma função. (NOVA, p.166)

Dessa forma, podemos constatar que é um preconceito em relação à mulher obesa e não ao homem obeso, uma vez que não podemos perceber esse tipo de discriminação em se tratando de homens.

Portanto, percebemos que as mulheres obesas sofrem discriminação na vida profissional por serem consideradas menos saudáveis, ou por estarem fora do padrão estético estabelecido socialmente. Observemos a justificativa de Iêda Novais<sup>59</sup>: “A funcionária vende, mais do que um produto, uma imagem que a sociedade quer comprar... e quilos a mais não são bem aceitos” (NOVA, p.167)

Concluimos, portanto, que o enunciado **“Obesidade e preconceito na carreira. Nossa repórter investiga a nova ameaça e responde: será que quilos a mais significam oportunidades a menos?”** apresenta uma FI que estabelece um padrão estético, ser magra, que deve ser seguido pelas mulheres, já que as gordas são discriminadas pelo preconceito contra as pessoas obesas, uma vez que não se inserem no padrão de beleza estipulado pela sociedade brasileira.

A partir dessa FI padronizadora da estética, percebemos por detrás uma FI machista, que exige o estereótipo “ser magra” apenas das mulheres, fazendo, assim, diferença entre homens e mulheres. Colocando-os em patamares diferentes, com exigências também diferentes.

---

<sup>58</sup> Paulina Luz, repórter da Cosmopolitan NOVA , fevereiro de 2001.

<sup>59</sup> Iêda Novais é headhunter da Mariaca & Associates que contrata executivos para grandes corporações.

## CONCLUSÃO

Propusemos em nossa dissertação, inserida na linha o processo discursivo e a produção textual, uma metodologia subsidiada por princípios teóricos da teoria pragmática e procedimentos analíticos da AD, pertinentes à formação de profissionais da área de Lingüística e Letras e ao desenvolvimento de indivíduos mais críticos, uma vez que essas análises envolvem uma reflexão sobre a linguagem, a história e a ideologia.

Nossas análises partiram da hipótese da existência de uma FD Machista nos enunciados selecionados. Para tal a análise, os dêiticos foram de fundamental importância para levantarmos o valor ilocutório que, juntamente analisado com os pressupostos e subentendidos, nos levou às FDs, possibilitando-nos verificar a ligação entre o valor ilocutório, a ideologia e o discurso.

Diante disso, concluímos que o valor ilocutório da revista é o de dirigir-se ao público feminino, despertando-lhe o interesse e mantendo, assim, uma inter-relação com um público (TU) inserido no mercado de trabalho e preocupado com a discriminação dos sexos, o prazer sexual, a independência financeira e o amor, confirmando, assim, nossa hipótese, uma vez que pudemos perceber no “não-dito” uma FD machista, diferenciando homem e mulher e, conseqüentemente, inferiorizando-a.

A análise dos pressupostos e subentendidos revelou-nos uma luta entre duas FI: a feminista, que iguala a mulher ao homem, tratando, assim, o sexo com naturalidade, falando sobre carreira e independência financeira e outra FI machista que coloca o homem em posição superior ao ressaltar a necessidade de a mulher agradar o homem; ao exaltar as qualidades profissionais masculinas em detrimento das qualidades femininas; ao apresentar táticas eficientes para a mulher atingir o controle sobre a própria vida ou ao exigir apenas da mulher “ser magra” para subir na carreira. Percebemos **nitidamente** o embate:

## FI feminista X FI machista

Embate esse que é fruto da história, por haver, através dos tempos, a presença da superioridade masculina, o que levou ao surgimento do movimento feminista, responsável pelas mudanças importantes ocorridas *na* sociedade. Foram as feministas, que lutaram pela eliminação das injustiças e diminuição da opressão, rejeitando a escravidão do sexo feminino, negando a discriminação e promovendo o bem-estar das pessoas, independentemente de gênero e de condição social. O movimento feminista atingiu várias conquistas, mas é evidente que ainda falta avançar em muitos pontos, pois as conquistas não estão concluídas.

No Brasil, as mulheres alcançaram a igualdade plena de direitos com os homens na Constituição Federal de 1988. Hoje, podemos dizer que temos uma Constituição moderna, igualitária, cidadã. Na prática, a igualdade ainda não é completa, mas estamos caminhando para isso, pois as conquistas ainda precisam ser consolidadas, uma vez que as mulheres ainda enfrentam a dupla jornada, os salários menores pagos pelo exercício das mesmas funções, por exemplo.

Observamos, assim, que iniciamos um século marcado pelas conquistas da mulher, mas com uma realidade não homogênea e, além disso, paradoxal, ou seja, as mudanças não foram uniformes, masculino e feminino não são mais os mesmos e as mulheres precisam encontrar a sua identidade nessa realidade contraditória, formada pela FI machista e FI feminista.

Concluimos que, embora várias conquistas tenham sido feitas, faz-se necessária uma maior responsabilidade dos formadores de opinião, pois, como pudemos perceber, em nossas análises, uma FI machista presente no “não-dito” dos enunciados, que vai de encontro à proposta da NOVA que seria a de um discurso feminista, contribui para que as mulheres percam o foco sobre si mesmas, revelando discursos ora feministas, ora machistas, porque, para muitas mulheres, é muito difícil

ser mãe, profissional, esposa e ainda ter tempo para ser ela mesma, fazendo o que gosta e o que quer.

## BIBLIOGRAFIA

AUSTIN, John L. (1990). *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas.

BAKHTIN, M. (1981). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Brasileira: São Paulo, Hucitec.

BENVENISTE, E (1989) *Problemas de Lingüística Geral*. Trad. Brasileira: Campinas, Ed. Unicamp.

BERRENDONNER, Allan (1987) *Elementos de Pragmática Lingüística*. Buenos Aires: Gedisa

BERLO, David K (1997) *O Processo de Comunicação*. 8ª ed, São Paulo: Martins Fontes.

BERTUCCELLI, Marcella (1996) *Que és la pragmática?* Barcelona, Paidós.

BRAIT, Beth .-org-(1997) *Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

BRANDÃO, Helena H. N. (s/d) *Introdução à análise do discurso*. 2ª reimpressão da 7ªed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

CERVONI, Jean (1989) *A Enunciação*. Série Fundamentos, ed. Ática.

CHAUI, Marilena S. (1990) *O que é ideologia?* 31ªed. Primeiros Passos. Brasiliense, São Paulo.

CHAGAS, Eliane P. "Corpo feminino do detalhe... uma possibilidade de construção de novos territórios para a subjetividade feminina" in: ROMERO, Elaine (org) (1995) *Corpo, mulher e sociedade*. 1ª ed. Editora Papyrus. Campinas, SP.

CUNHA, Manuel S. V. "Corpo, mulher e sociedade... ou uma certa prática" in: ROMERO, Elaine (org). (1995) *Corpo, mulher e sociedade*. 1ª ed. Editora Papyrus. Campinas, SP.

- CUSCHINIR, Luiz (1994) *Homem: um pedaço adolescente*. 1ªed, São Paulo: Saraiva
- DUCROT, Oswaldo (1972) *Princípios de Semântica Lingüística* (dizer e não dizer). Editora Cultrix, São Paulo.
- FARIA, Ricardo M. (1998) *O pensamento Popperiano e suas implicações para a economia*. São Paulo, EAESP/FGV.
- FIORIN, José Luiz (1998). *Linguagem e Ideologia*. 6ªed. Série Princípios. Ática, São Paulo.
- \_\_\_\_\_, SAVIOLI, Francisco P. (1990) *Para entender o texto : leitura e redação*. São Paulo: Ática.
- FRANCHETTO, Bruna et alii. (1981) “ Antropologia e feminismo”. In: Franchetto (org.) *Perspectivas antropológicas da mulher 1*. Rio de Janeiro, Zahar.
- FOUCAULT, M (1971) *Arqueologia do saber*. Petrópolis, Ed. Vozes.
- GARCIA, Othon M. (1997) *Comunicação em prosa moderna*. 17ªed. reimp. Editora Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro.
- GUIMARÃES, Elisa. (s/d) *A articulação do texto*. 5ªed, São Paulo: Ática.
- HOBSBAWN, Eric (1995) *A Era dos Extremos: o breve séc XX*. 2ªed, São Paulo: Companhia das Letras. P300-330.
- KOCH, Ingedore G. V. ( 1998) *A inter-ação pela linguagem*. 4.ed- Contexto, São Paulo.
- LEVINSON, Stephen C. (1995) *Pragmatics*. Cambrigde University Press.
- LISPECTOR, Clarice (1994) *Laços de Família*. 27ª edição – Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- LYONS, John (1995) *Lenguaje, Significado y Contexto*. 1ª ed, 2ª reimpressão. Paidós Comunicación. Espanha.
- MAINGUENEAU, Dominique (1996) *Pragmática para o discurso literário*. 1ªed. Martins Fontes. São Paulo.

\_\_\_\_\_. (1997) *Introdução à lingüística*. 1ªed. Coleção Memo. Gradiva. Lisboa.

\_\_\_\_\_.(1997) *Novas tendências em análise do discurso*. 3ªed. Pontes. Campinas.

\_\_\_\_\_. *Elementos de lingüística para o texto literário*. 1ª ed. Martins Fontes. São Paulo.

\_\_\_\_\_.(1995) *O contexto da obra literária*. 1ªed. Martins Fontes. São Paulo.

\_\_\_\_\_.(1997) *Os termos-chave da Análise do Discurso*. Gradiva. Lisboa.

MEDEIROS, João Bosco (1996) *Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 2ª ed Atlas. São Paulo.

MEDINA, João P. S. *O brasileiro e seu corpo: Educação e política do corpo*. Campinas, Papyrus, 1987.

MEY, Jacob (1993) *Pragmatics. An Introduction*. Oxford: Blackwell.

ORLANDI, Eni P. (1999). *Discurso e Leitura*. 4ªed São Paulo, Editora Cortez.

\_\_\_\_\_. (1984). *A Linguagem e seu Funcionamento*. São Paulo, Brasiliense.

PEUCHEUX, Michel. (1997). *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. trad. Eni Puccinelli. – 2ª d- Campinas, SP: Pontes.

PORTER, Roy. *Linguagem, indivíduo e sociedade*. São Paulo: Editora Unesp, 1993 (trad. Alvaro Luiz Hattnher).

POSSENTI, Sírio (1993) *Discurso, estilo e subjetividade*.1ª ed. São Paulo. Martins Fontes.

RODRIGUES, José C.(1979) *Tabu do Corpo*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Dois Pontos.

ROMERO, Elaine (org.) (1995) *Corpo, mulher e sociedade*. 1ª ed. Editora Papirus. Campinas, SP.

ROMERO, Elaine “A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento” in: ROMERO, Elaine (org) (1995) *Corpo, mulher e sociedade*. 1ªed. Editora Papirus. Campinas, SP.

SEARLE, John R. (1981) *Os actos de fala*. Livraria Almedina. Coimbra. Portugal.

SIEBERT, Raquel S.S. “As relações do saber-poder sobre o corpo” in: ROMERO, Elaine (org) (1995) *Corpo, mulher e sociedade*. 1ª ed. Editora Papirus. Campinas, SP.

## **Anexos**